



OBSERVATÓRIO DO MERCADO DA HABITAÇÃO EM PORTUGAL

OS DESAFIOS DOS JOVENS NO ACESSO À HABITAÇÃO

Cada agência é jurídica e financeiramente independente

ÍNDICE

1. RICARDO SOUSA, CEO de CENTURY 21 PORTUGAL E ESPANHA
VALORES E ATITUDES DE UMA GERAÇÃO
ANA PINHO, SECRETÁRIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO
A IMPORTÂNCIA DE AUMENTAR O CONHECIMENTO SOBRE A PROCURA HABITACIONAL
JOÃO PAULO REBELO, SECRETÁRIO DE ESTADO DA JUVENTUDE E DO DESPORTO
HABITAÇÃO, UM DIREITO QUE ALICERÇA DIREITOS
2. RADIOGRAFIA DOS JOVENS PORTUGUESES
3. ESTUDO QUANTITATIVO
FÓRMULA JOVEM: PARTILHAR E ARRENDAR, UMA SOLUÇÃO TEMPORÁRIA
4. ESTUDO NACIONAL
 - Capítulo I:
Situação Actual – A emancipação dos jovens portugueses
 - Capítulo II:
A primeira casa que os jovens querem para se emanciparem
 - Capítulo III:
A habitação para o futuro
 - Capítulo IV:
Fórmulas alternativas, o coliving
 - Capítulo V:
Programas de apoio aos jovens para o acesso à habitação
5. JOVENS E HABITAÇÃO : CONCLUSÕES
6. FICHA TÉCNICA



APRESENTAÇÃO

VALORES E
ATITUDES DE UMA
GERAÇÃO**RICARDO
SOUSA**CEO da CENTURY 21
Portugal[in linkedin.com/in/ricardomsousa](https://www.linkedin.com/in/ricardomsousa)[@c21ricardo](https://twitter.com/c21ricardo)[@c21ricardo](https://www.instagram.com/c21ricardo)[century21.pt](https://www.century21.pt)

Viver fora do lar familiar é uma exigência natural dos jovens, que procuram desenvolver o seu **próprio projeto de vida** de forma independente. É um dos marcos naturais na evolução para a idade adulta. Mas todos os indicadores mostram que não é um caminho fácil.

O nosso interesse em compreender as necessidades, expectativas e possibilidades dos jovens, entre os 18 e os 34 anos, em relação à habitação levou-nos a realizar o **II OBSERVATÓRIO DA HABITAÇÃO**. Só a partir deste conhecimento podemos tornar-nos participantes dos seus projetos, para que todos nós, que operamos no mercado imobiliário, tenhamos um ponto de partida para focalizarmos o nosso setor.

A saída da casa familiar para criar um lar independente é, seguramente, o momento mais delicado na vida de qualquer pessoa. Projetos, mudanças importantes tanto na ocupação como nos novos companheiros, desafiam os mais jovens a assumir importantes compromissos e responsabilidades, ao mesmo tempo que projetam os seus sonhos nesta nova etapa.

De acordo com as estimativas anuais da população residente do Instituto Nacional de Estatística (INE), os habitantes nacionais com idades entre os 18 e os 34 anos superam 1,89 milhões de indivíduos, dos quais quatro em cada 10 jovens não se conseguiram emancipar, já que 38,3% não tem qualquer tipo de rendimento regular e mais de metade (57,6%) tem uma remuneração média líquida inferior a 1.000 euros mensais.

Por outro lado, o preço da habitação em Portugal tem vindo a registar subidas constantes, nestes últimos anos e, de acordo com os últimos dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), o preço mediano de venda de habitação em Portugal aumentou para 1.011 euros por metro quadrado, no primeiro trimestre deste ano. Neste contexto, faltam soluções de baixo custo para habitações ajustadas à realidade económica dos jovens, porque, ainda que vivendo fora do ambiente familiar, cerca de 37,2% continuam a depender economicamente das suas famílias ou parceiros, uma vez que contam com baixos rendimentos e uma situação laboral precária.

Estas componentes da equação levam a uma realidade, a **emancipação tardia**, e à

eleição entre um leque de opções não demasiado amplo. Deparamo-nos com o paradoxo de que enquanto 78% dos jovens entrevistados declaram não viver onde gostariam, por outro lado, atribuem uma pontuação de mais de 7 pontos em 10 à casa onde atualmente vivem. A evidência é que 40,7% dos jovens ainda vivem com os seus pais, numa situação cómoda do ponto de vista logístico e económico, mas onde não podem realizar o seu projeto de vida independente. Por isso, a saída do núcleo familiar concretiza-se, quando se pode estabelecer uma vida em casal, perpetuando-se assim o trajeto das gerações anteriores e dos valores mais tradicionais.

Para os jovens de hoje, o apartamento partilhado com o parceiro é a alternativa mais desejada para uma primeira etapa (59%), na mesma cidade, (78,6%), bem localizado numa zona central ou na periferia do centro da cidade, próxima do local de trabalho e com boas acessibilidades a transporte. Quanto ao tipo de habitação, 44,5% opta por um apartamento num edifício com, pelo menos, uma área de 82 m², com dois quartos e duas casas de banho. O choque com a realidade do mercado e as dificuldades financeiras reduzem estas expectativas e o facto é que 51,3% dos

jovens emancipados vivem num apartamento arrendado.

Porém, isso não é um obstáculo para sonhar o futuro, assim que se conseguir adquirir estabilidade laboral e pessoal. Nesse futuro, a aspiração é formar uma família, numa casa própria (87,9%) com uma área superior a 110m², com três quartos e duas casas de banho, embora abdicando do centro da cidade, a favor de um bairro mais acessível.

Os nossos jovens revelam, assim, uma orientação convencional, que segue o modelo que viram nos seus pais. Porque, apesar das diferenças comportamentais face às gerações anteriores, a juventude actual mostra-se conservadora, fiel a valores tradicionais como a

Da nossa experiência e dos resultados desta investigação, concluímos que esta geração ainda é muito conservadora e resistente a novas fórmulas de acesso à habitação, que noutros países começam a ganhar adeptos entre os jovens. Acreditamos que será na geração seguinte, a dos ditos nativos digitais que hoje têm menos de 15 anos, que começaremos a registar mudanças mais significativas nas expectativas, opções e aspirações dos jovens portugueses.

família, a criação de um lar, a estabilidade e o sonho da propriedade.

Não obstante, a casa desejada deve responder às novas exigências do século XXI, em termos de sustentabilidade e eficiência energética, e a qualidade da construção é uma clara prioridade. Preocupações que demonstram interesses bastante distintos dos seus pais.

A análise desta realidade social da juventude no seu contexto global pretende orientar todas as partes interessadas, promotores e investidores, na criação de alternativas flexíveis e acessíveis, adequadas às suas condições económicas, expectativas, hábitos de convivência e aos processos de transição para a habitação definitiva. E, neste ponto, também parece interessante apostar em **alternativas à habitação tradicional**, como o *coliving*, o *micro housing* ou o *student housing*, para suprir as necessidades deste segmento de mercado. Esperamos que estas soluções emergentes passem, num curto espaço de tempo, de uma alternativa elitista a soluções generalizadas, que possam estar ao alcance da maioria dos jovens portugueses, e estimulem, assim, uma importante mudança cultural.

A IMPORTÂNCIA DE AUMENTAR O CONHECIMENTO SOBRE A PROCURA HABITACIONAL



ANA PINHO

Secretária
de Estado da
Habitação

Queria começar por deixar uma palavra de reconhecimento à CENTURY 21, bem como a todos os que se têm empenhado em aumentar o conhecimento sobre a procura habitacional e, com base neste, as respostas disponíveis aos que hoje, numa conjuntura muito difícil, procuram casa.

Com efeito, sem um conhecimento rigoroso sobre a realidade, as dinâmicas, as carências e as expectativas em matéria habitacional, dificilmente o setor público poderá conceber e implementar políticas verdadeiramente adequadas ou o setor privado promover produtos orientados para a procura.

Tal como identificado na Nova Geração de Políticas de Habitação, é necessário hoje fazer a transição de uma reativa para uma política proativa, com base em informação e conhecimento partilhado e na monitorização e avaliação de resultados. De igual modo, é necessário ter

em conta a procura na promoção de oferta habitacional privada, não só porque já passou a época em que se acreditava que qualquer produto que fosse oferecido facilmente seria escoado, estando nós hoje com uma procura mais informada, exigente e cujas necessidades e aspirações estão em mudança, como é necessário também perceber que, tal como em qualquer outra atividade económica, a posta única num dado segmento não é a mais viável nem sustentável a médio e longo prazo.

Neste contexto, não podiam ser mais importantes e úteis as iniciativas que visam promover a produção de conhecimento e a

Sem um conhecimento rigoroso sobre a realidade, as dinâmicas, as carências e as expectativas em matéria habitacional, dificilmente o setor público poderá conceber e implementar políticas verdadeiramente adequadas (...) para a procura.

investigação, em particular as que incidam sobre domínios tão relevantes para a política de habitação e que são os menos conhecidos e estudados: a procura. De facto, a larga maioria da investigação, estudos e estatísticas produzidos são relativos ao mercado imobiliário ou à



oferta habitacional. Mesmo nos Censos a informação recolhida espelha a realidade que existe nesse momento em termos de carências habitacionais mas de um ponto de vista unicamente orientado pela falta de condições dos alojamentos – ficamos sem ter uma medida de quantos agregados procuram de facto casa e que casa procuram.

O Governo tem dado um conjunto de passos no sentido de melhorar o conhecimento sobre a realidade habitacional, das quais destaco a disponibilização de informação estatística oficial, regular e de fácil acesso, sobre o mercado de habitação, o Levantamento Nacional das Necessidades de Realojamento Habitacional e a implementação de instrumentos de monitorização e avaliação dos programas de política pública.

No entanto, em particular no que se refere à procura habitacional, esta é uma área em que acreditamos que não só a comunidade científica e académica tem um contributo decisivo a dar como o setor da mediação pode ter um importante papel a desempenhar. Com efeito, é este o setor que tem um contacto contínuo e diário

com quem procura casa e que detém um valioso conhecimento sobre as necessidades e aspirações destes cidadãos.

Assim, não só louvamos esta iniciativa como incentivamos a continuidade e aprofundamento deste tipo de abordagens, reafirmando como sempre o nosso interesse e empenho em cooperar de perto com o setor.

Concluindo, não há boas políticas públicas que não tenham na sua base um profundo e sólido conhecimento da realidade. Ao nível das políticas de habitação, o Governo está a dar passos sólidos e decisivos neste domínio. Incitamos a comunidade académica e científica e o setor da mediação imobiliária a continuar a associar-se a nós neste esforço e a aprofundar e reforçar a sua atuação neste domínio.

HABITAÇÃO, UM DIREITO QUE ALICERÇA DIREITOS



**JOÃO PAULO
REBELO**

Secretário
de Estado da
Juventude e do
Desporto

“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar.” Artigo 65.º, n.º 1, da Constituição da República Portuguesa.

Esta minha breve reflexão começa por citar o preceito constitucional que deve orientar a nossa atuação no que concerne aos – tão fundamentais – aspetos ligados à temática da Habitação.

De facto, de entre os elementos estruturantes da emancipação pessoal de cada cidadão, o acesso a uma habitação digna é um dos mais centrais e inarredáveis. Tratamos, antes do mais, do acesso dos cidadãos a um direito que integra o conjunto dos direitos humanos consagrados na **Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948**.

No dealbar do século XXI, num momento em que os desafios que se colocam com particular acutância aos cidadãos jovens vêm ganhando cada vez mais espaço na agenda pública do País, exige-se uma visão alargada, atenta e permanentemente renovada, quanto ao propósito de criar as condições para que ninguém fique privado de poder ter o lar que merece e, com base neste, poder prosseguir os seus objetivos e os da sua família.

Com base na habitação, muitos outros direitos podem ser alcançados, tais como os ligados à constituição de família, à saúde ou ao emprego, entre muitos outros. Numa época de incessante e

cada vez mais aceleradas mudanças, importa que as mais diversas soluções, sejam de arrendamento ou compra, de divisão de habitação com terceiros ou de habitação exclusiva, de vida em meio rural ou citadino sejam, cada vez mais, opções viáveis para cada cidadão jovem e não, em qualquer circunstância, inevitabilidades que se imponham à legítima expectativa de uma vida que permita cumprir o potencial e os propósitos de cada um. No fundo, com o acesso à habitação assegura-se uma base essencial das condições de felicidade de cada pessoa e de cada família.

Nesse desígnio, mais e melhor informação é vital para que quaisquer medidas políticas públicas, justas e eficazes, possam ser gizadas. Em simultâneo, também os atores privados devem ser convocados para esta reflexão e motivados a conduzir a sua atuação para que, atingindo os seus legítimos objetivos próprios, possam contribuir para o esforço comum que representa a criação de cada vez mais adequadas soluções residenciais.

Saúdo, nessa medida, a iniciativa da CENTURY 21 Portugal e Espanha, que contribui para que mais dados sobre as aspirações e as dificuldades dos jovens neste aspeto estejam ao dispor dos vários interessados.

RADIOGRAFIA DOS JOVENS PORTUGUESES

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

RADIOGRAFIA

ESTUDO
QUANTITATIVO

SITUAÇÃO
ACTUAL

A PRIMEIRA
CASA

A CASA PARA
O FUTURO

ALTERNATIVAS

PROGRAMAS
DE APOIO

CONCLUSÕES

FICHA
TÉCNICA

PERFIL DOS JOVENS FACE À EMANCIPAÇÃO



NÃO EMANCIPADOS



EMANCIPADOS

Não emancipados 40,7%



59,3% Emancipados

Homens 42,2%



60,7% Mulheres

Entre os 18 e 24 anos 68,6%



81,2% entre os 30 e os 34 anos

Vive com os pais 82,1%



61,1% Vive em casal

Estuda 43%



69% Trabalha

Não tem rendimentos 38,3%



37,2% Depende da família

Rendimentos inferiores a 1000€ 57,6%



66,4% Rendimentos inferiores a 1000 €

Não contribui para os
custos com a habitação

37,8%



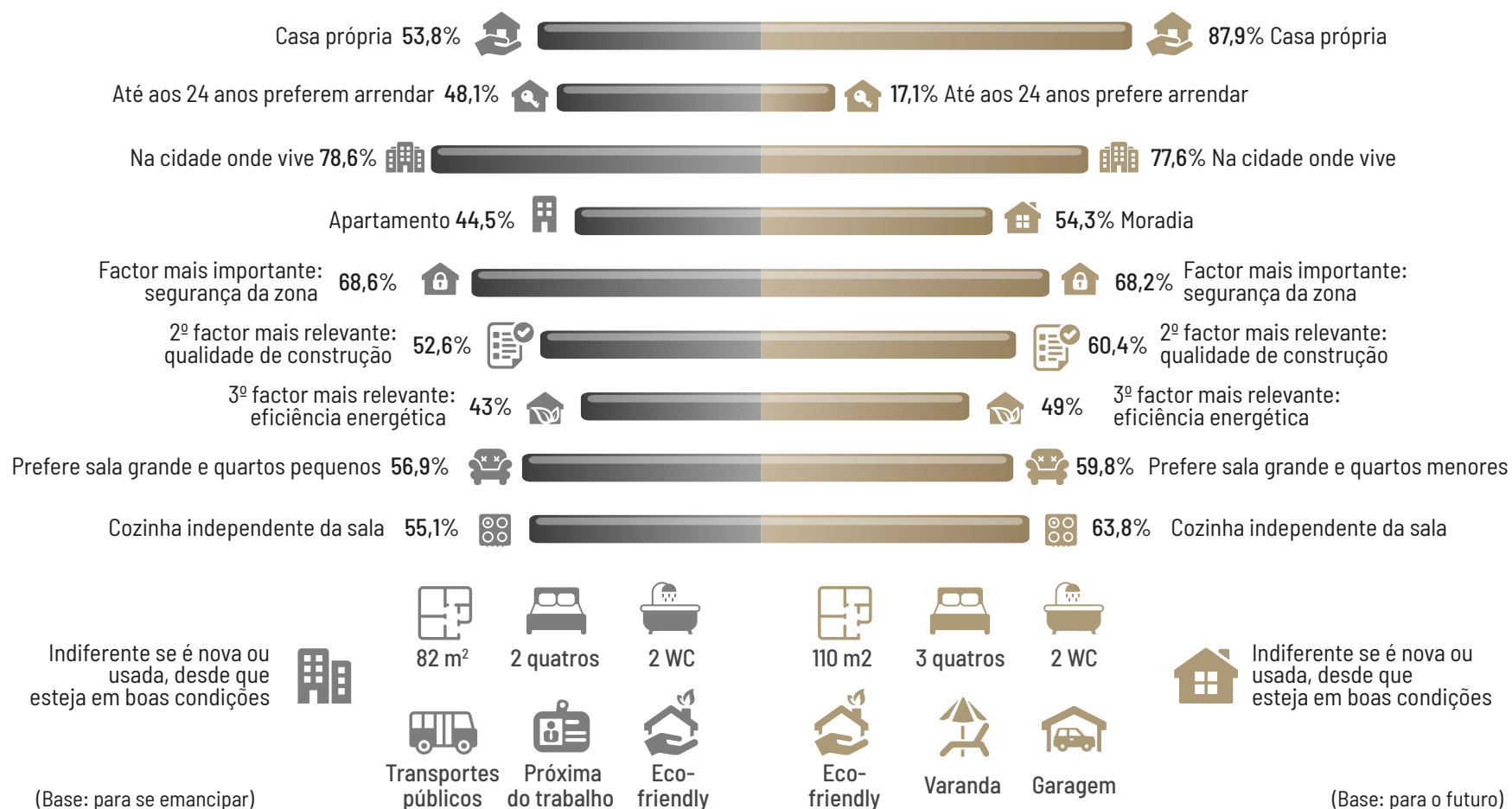
51,3% Vive em casa arrendada

A CASA DESEJADA

PARA SE EMANCIPAREM

PARA O FUTURO

(5-8 anos com estabilidade económica)



FÓRMULA JOVEM

PARTILHAR E ARRENDAR,
UMA SOLUÇÃO
TEMPORÁRIA

RESUMO DO ESTUDO QUANTITATIVO:

800 entrevistas online
Âmbito nacional

A juventude portuguesa é das mais lentas a emancipar-se, a desenvolver uma vida independente do lar familiar e aceder à sua própria habitação. De acordo com números do Eurostat, os jovens portugueses são dos que mais tarde abandonam o ninho, em média aos 29 anos, ocupando o sétimo lugar entre os 28 membros da União Europeia, como consequência de fatores relacionados com o contexto laboral, o mercado imobiliário, a maior duração da etapa formativa e hábitos culturais relacionados com os fortes vínculos familiares, que caracterizam os países de cultura mediterrânica face a outros países europeus.

Segundo este estudo, mais de 40% dos jovens entre os 18 e os 34 anos ainda vive em casa dos pais, porque são economicamente dependentes, e dos que estão emancipados, muitos dependem economicamente da sua família ou do parceiro. No extremo oposto verifica-se a situação contrária: 25% de jovens ainda vive com os pais, apesar de já ter independência financeira, resistindo a “abandonar o ninho”.

Esta situação está intimamente ligada à evolução laboral e às oportunidades de ter um emprego estável e remunerado, à altura da ampla formação que tem esta geração.

Sem trabalho, ou com um trabalho precário e instável, com baixos salários e pouca ou nenhuma capacidade de poupança, os jovens não conseguem suportar sozinhos os preços da habitação e, inclusivamente, a opção de arren-

damento deixa de ser uma alternativa acessível. Assim, a convivência em família prolonga-se o mais possível, até que a estabilidade laboral e uma relação de casal permitam encarar o futuro com uma partilha de despesas, mais perto – ou já depois – dos trinta.

A emancipação dos jovens produz-se maioritariamente para passar de viver com a família para o fazer com o parceiro: mais de 61,1% dos jovens emancipados vivem em casal, ou seja, deixam um ninho para criar o seu próprio ninho.

Abandonar o lar familiar para viver numa casa partilhada constitui a segunda alternativa mais frequente, mas importa ter em conta que se trata de uma opção que em muitos casos responde a situações temporárias, como a de estar a estudar. Neste sentido, o perfil de quem partilha casa corresponde a jovens dos 18 aos 24 anos, dedicados exclusiva ou principalmente aos estudos e sem rendimentos próprios.

Partilhar e viver numa habitação arrendada é hoje a solução para quem quer

sair do lar familiar, seja com o parceiro, seja com amigos ou colegas, mas é considerada uma solução temporária, válida para uma primeira etapa. O desejo firme e inquestionável para toda esta geração é a casa própria para viver em casal e, talvez, formar uma família mais tarde. Uma casa própria é a representação da tão desejada segurança e estabilidade, reproduzindo o modelo que orientou a geração dos seus progenitores.

Não obstante, a análise desta preferência à luz da idade permite introduzir uma alteração significativa: se bem que a habitação própria seja a opção eleita maioritariamente em todos os grupos etários, ultrapassando os 85% entre os jovens com mais de 30 anos, os dados revelam que o arrendamento ganha terreno entre os mais jovens e atinge um pico de 48,1% de preferência, no grupo etário dos 18 aos 24 anos.

Conseguir que esta opção de arrendamento se mantenha e inclusivamente se

Cerca de 78% dos jovens não vive onde gostaria de viver, principalmente por falta de recursos económicos.

potencie, acompanhando o crescimento destes jovens e a sua evolução para novas etapas de vida, é um desafio a ser respondido pelo mercado, com a disponibilização de opções de arrendamento viáveis e mais atrativas do que a compra.

Para 8 em cada 10 jovens, a habitação pressupõe um custo, com a média nacional a fixar-se nos 348€ por mês. Os que partilham apartamento arrendado chegam a pagar 379€, mais 33€ mensais do que os que optaram pela compra.

Cerca de 78% dos jovens não vive onde gostaria de viver, principalmente por falta de recursos económicos. Apesar de tudo, mostram um elevado nível de satisfação com a vida, a relação com os pais e a casa onde se encontram, com 7 pontos em 10, o que indica que assumem a situação com uma elevada dose de conformidade e não inundados de resignação. Mas há algumas diferenças consoante com quem se vive. Os mais satisfeitos são os que vivem com um parceiro (7,33), seguidos de muito per-

to pelos jovens que vivem sozinhos (7,31), os que ainda vivem com os pais (7,17) e, por último, os que partilham casa com amigos ou colegas (6,6).

Estes dados de satisfação com a habitação por parte dos jovens refletem a importância da família na cultura portuguesa. O forte enraizamento familiar cria poderosos fatores emocionais e a necessidade de manter o contacto com a família.

Os pais sentem-se bem mantendo os filhos em casa e estes sentem-se à vontade, cómodos e seguros. A família assume responsabilidades de apoio e ajuda aos seus jovens, que noutros países estão a cargo do Estado. Mas este modelo pressupõe, também, um certo protecionismo, que torna mais difícil que os jovens estejam dispostos a aventurar-se à independência, sobretudo se as condições representam uma perda em comparação com a vida no lar familiar.

Não abdicam da qualidade da construção e é-lhes indiferente se a habitação é nova ou não, desde que esteja em boas condições.

Por esta razão, quando se propõe aos jovens que pensem numa emancipação a curto prazo e que descrevam como seria a sua primeira casa, eles não apresentam expectativas moderadas, mas antes projetam as características da habitação que verdadeiramente motivaria a sua emancipação. Neste sentido, a descrição dessa primeira casa corresponde mais a um contexto aspiracional, do que a um conhecimento ou ajustamento dos jovens relativamente ao mercado atual de habitação. Os jovens tendem a fazer coincidir a sua possibilidade de emancipação com a pos-

sibilidade de o fazer na habitação que lhes agradaria. Assim, as suas expectativas estão focadas num apartamento situado no centro ou na periferia do centro da sua cidade, com 82 m², dois quartos e duas casas de banho. Já a opção ideal para a casa do futuro é assumidamente uma moradia, com uma área a exceder os 110 m². E enquanto não encontram o que querem ou

o que podem pagar, mantêm-se no ninho familiar.

Face à realidade, a primeira coisa a que renunciam para poder aceder a uma casa dentro das suas possibilidades económicas, são os extras da habitação como garagens e terraço, a localização, no centro ou na periferia do centro da cidade, e ao número de quartos. Porém não abdicam da qualidade da construção e é-lhes indiferente se a habitação é nova ou não, desde que esteja em boas condições.

Também lhes interessa a eficiência energética, a sustentabilidade ambiental e a proximidade ao local de trabalho. Para a habitação do futuro, já esperam contar com extras como a garagem ou facilidade de estacionamento e terraço.

Se lhes sobrasse dinheiro, os mais jovens preferiam gastá-lo a viajar, enquanto a partir dos 24 anos se pensa em investir na habitação, seja para comprar se vivem num espaço arrendado, seja para melhorar a casa que têm ou, inclusivamente, para comprar uma segunda residência como investimento.

ESTUDO NACIONAL

INTRODUÇÃO

Este estudo é a segunda edição do **Observatório do Mercado da Habitação** realizado pela **CENTURY 21 Portugal**. A primeira edição incidiu sobre o **perfil da oferta e da procura de imóveis no mercado nacional**. Desta vez, o foco do estudo passa pela análise da situação dos jovens portugueses perante a habitação.

O relatório é dividido em cinco blocos principais:

O primeiro bloco temático analisa a **situação atual** dos jovens em relação à habitação, para perceber o seu grau de emancipação e independência económica, as suas motivações para deixar a casa da família e as suas expectativas de habitação.

Um segundo bloco analisa as **características da procura da primeira habitação** dos jovens que ainda não se emanciparam.

O terceiro bloco realiza uma análise semelhante à do bloco anterior, mas com foco nas características da procura pela **habitação futura** dos jovens, quando após alguns anos conseguirem alcançar a estabilidade económica e profissional.

Em quarto lugar, avalia-se o grau de aceitação de uma opção alternativa de habitação partilhada, como o **coliving**.

Finalmente, é analisado o grau de conhecimento dos **programas de ajuda aos jovens para o acesso à habitação**.

ESTUDO NACIONAL

CAPÍTULO 1: SITUAÇÃO ACTUAL A EMANCIPAÇÃO DOS JOVENS PORTUGUESES

O acesso dos jovens à habitação está intrinsecamente ligado à sua situação de emancipação em relação ao contexto familiar e à capacidade de alcançar a independência económica.

MOTIVAÇÕES PARA A EMANCIPAÇÃO

Viver a dois, adquirir mais responsabilidade, ter um projeto de vida e maior liberdade são as principais razões da emancipação

Viver a dois (14,9%) e adquirir responsabilidades de adulto (14,8%) são as principais razões para a emancipação, em todas as idades. Porém, há outros aspectos que os jovens também consideram importantes:

- 13,6% deseja um projecto de vida próprio
- 13,1% pretende maior liberdade
- 9,8% acredita ser capaz de viver sozinho

A sexta razão mais apontada é a vontade de estudar noutra cidade.

A juventude portuguesa parece sentir-se confortável a viver em casa dos pais, já que apenas 1,3% afirma não gostar de habitar com os progenitores

Quais as principais razões para a emancipação e viver fora da casa dos seus pais?

	TOTAL	SEXO		IDADE		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Viver como um casal	14,9%	14,2%	15,5%	13,2%	14,3%	17,1%
Adquirir responsabilidade e crescer como pessoa	14,8%	14,2%	15,4%	17,9%	14,9%	11,4%
Ter um projeto de vida próprio	13,6%	17,3%	9,8%	12,2%	16,4%	12,6%
Ter mais liberdade	13,1%	13,5%	12,8%	15,2%	12,3%	11,7%
Ser capaz de viver sozinho	9,8%	11,0%	8,5%	11,6%	6,7%	10,4%
Estudar em outra cidade	9,0%	6,9%	11,0%	14,1%	5,8%	6,3%
Ser capaz de tomar minhas próprias decisões	7,6%	7,7%	7,6%	5,5%	9,3%	8,5%
Trabalhar em outra cidade	5,7%	4,7%	6,6%	3,9%	6,7%	6,6%
Ter mais espaço	5,4%	6,5%	4,4%	2,8%	6,6%	7,3%
Ter filhos	3,8%	3,0%	4,6%	2,8%	3,0%	5,6%
Eu não gosto de viver com meus pais	1,3%	0,6%	1,9%	1,0%	2,9%	0,2%
Outros	1,1%	0,1%	2,0%	0,0%	1,1%	2,2%

Base: Total

1º 2º 3º

EMANCIPAÇÃO E INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA

Quatro em cada 10 jovens entre os 18 e 34 anos ainda vivem com os seus pais

Para os efeitos deste estudo, “Estar emancipado” refere-se especificamente ao facto de não viver na casa dos pais e dispor de autonomia para decidir a sua conduta.

Atualmente, 59,3% dos jovens portugueses estão emancipados dos pais, um indicador um pouco superior no caso das mulheres (60,7%) do que no dos homens (57,8%).

Como seria de esperar, a emancipação dos jovens aumenta com a idade. Na faixa dos 18 aos 24 anos, 31,4% vive fora da casa dos pais.

Este número sobe para 67,9% entre as pessoas de 25 a 29 anos e atinge os 81,2% nos jovens com mais de 30 anos.

Está emancipado?

		Sexo		Idade		
	Total	Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Sim	59,3%	57,8%	60,7%	31,4%	67,9%	81,2%
Não	40,7%	42,2%	39,3%	68,6%	32,1%	18,8%

Base: Total

Mais de um terço dos jovens que vivem fora da casa dos pais não são financeiramente independentes

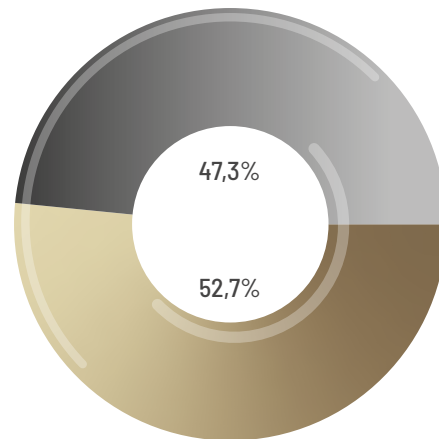
Contudo, o facto de os jovens viverem fora da casa dos pais não significa que sejam economicamente independentes.

Na realidade, 19,2% dos jovens não tem qualquer tipo de rendimento, indicador que sobe para 38,9% no segmento etário dos 18 a 24 anos, que ainda dependem inteiramente dos pais. Esta percentagem diminui à medida que a idade aumenta. No entanto, mais de 5% dos que têm mais de 30 anos ainda não tem rendimentos.

Na base total dos jovens inquiridos, 62,9% conta com menos de 1000 euros mensais e 17,2% têm ganhos inferiores 500 euros. Apenas cerca de 12% indicam rendimentos entre 1000 e 1500 euros por mês.

No caso dos jovens emancipados 37,2% depende financeiramente da família ou parceiro. Já os jovens que ainda vivem com os pais, e que já dispõem de algum rendimento pontual, mais de 75% conta com o apoio económico da família.

Dependendo do seu rendimento pessoal, qual das seguintes situações se adequa melhor ao seu caso?



SOU FINANCEIRAMENTE INDEPENDENTE
NÃO SOU FINANCEIRAMENTE INDEPENDENTE

Base: Total

	TOTAL	VOCÊ VIVE EMANCIPADO	
		SIM	NÃO
Sou financeiramente independente	47,3%	62,8%	24,8%
Ganho dinheiro mas dependo da minha família	22,5%	11,0%	39,3%
Não tenho rendimentos próprios, dependo financeiramente da minha família	15,8%	4,1%	32,9%
Ganho dinheiro mas dependo do (a) meu (minha) companheiro(a)	12,9%	19,9%	2,6%
Não tenho rendimentos próprios, dependo financeiramente do (a) meu(minha) companheiro(a)	1,5%	2,2%	0,5%
DEPENDENTES	55,7%	37,2%	75,3%

	Total	Idade		
		De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Não tenho rendimentos	19,2%	38,9%	10,2%	5,8%
Menos de 500 €	17,2%	26,5%	13,5%	10,5%
De 500 a 1.000 €	45,7%	27,7%	58,2%	54,1%
De 1.001 a 1.500 €	12,2%	4,0%	13,9%	19,4%
De 1.501 a 2.000 €	3,6%	1,4%	2,7%	6,8%
Mais de 2.000 €	2,2%	1,5%	1,6%	3,4%

COM QUEM VIVEM OS JOVENS?

Os jovens emancipados
preferem viver em casal

Os jovens portugueses entre os 18 e os 34 anos vivem maioritariamente em casal (36,3%) seguidos de perto pelos 33,5% que ainda vivem com os pais. A terceira opção mais indicada (13,2%) é habitar numa casa partilhada com amigos e apenas 8% dos jovens assumem viver sozinhos.

Contudo, a situação habitacional altera-se em função da idade.

No início da juventude, 51,2% dos jovens entre os 18 e os 24 anos vivem em casa dos pais, mas esta percentagem diminui à medida que a faixa etária aumenta. Os que têm entre os 25 e os 29 anos este indicador atinge os 30,1%. Não obstante, 17,6% dos jovens com mais de 30 anos ainda vive com os pais.

Cerca de 10,0% dos jovens entre os 18 e os 24 anos indicam que já vivem com um parceiro. À medida que a idade avança, a opção de viver em casal aumenta para os 41,5% nos jovens entre os 25 e 29 anos, e na faixa etária dos 30 aos 34 são já 59,2% os que habitam com o companheiro e assumem estar a construir o seu lar.

A partilha de casa com amigos é opção para dois em cada 10 jovens da faixa etária mais baixa. À medida que a idade avança, esta opção diminui, gradualmente, e fixa-se nos 7,4% nos jovens com mais de trinta anos.

Com quem vive a maior parte do ano?

	TOTAL
Com o(a) meu(minha) companheiro(a)	36,3%
Com os meus pais	33,5%
Numa casa partilhada com amigos(as) / colegas	13,2%
Sozinho(a)	8,3%
Em casa de familiares	4,1%
Residência	2,5%
Na casa de outras pessoas	2,1%
Coliving	0,3%

Base: Total

Partilha de casa é opção para jovens até aos 24 anos e estudantes com rendimentos mais baixos

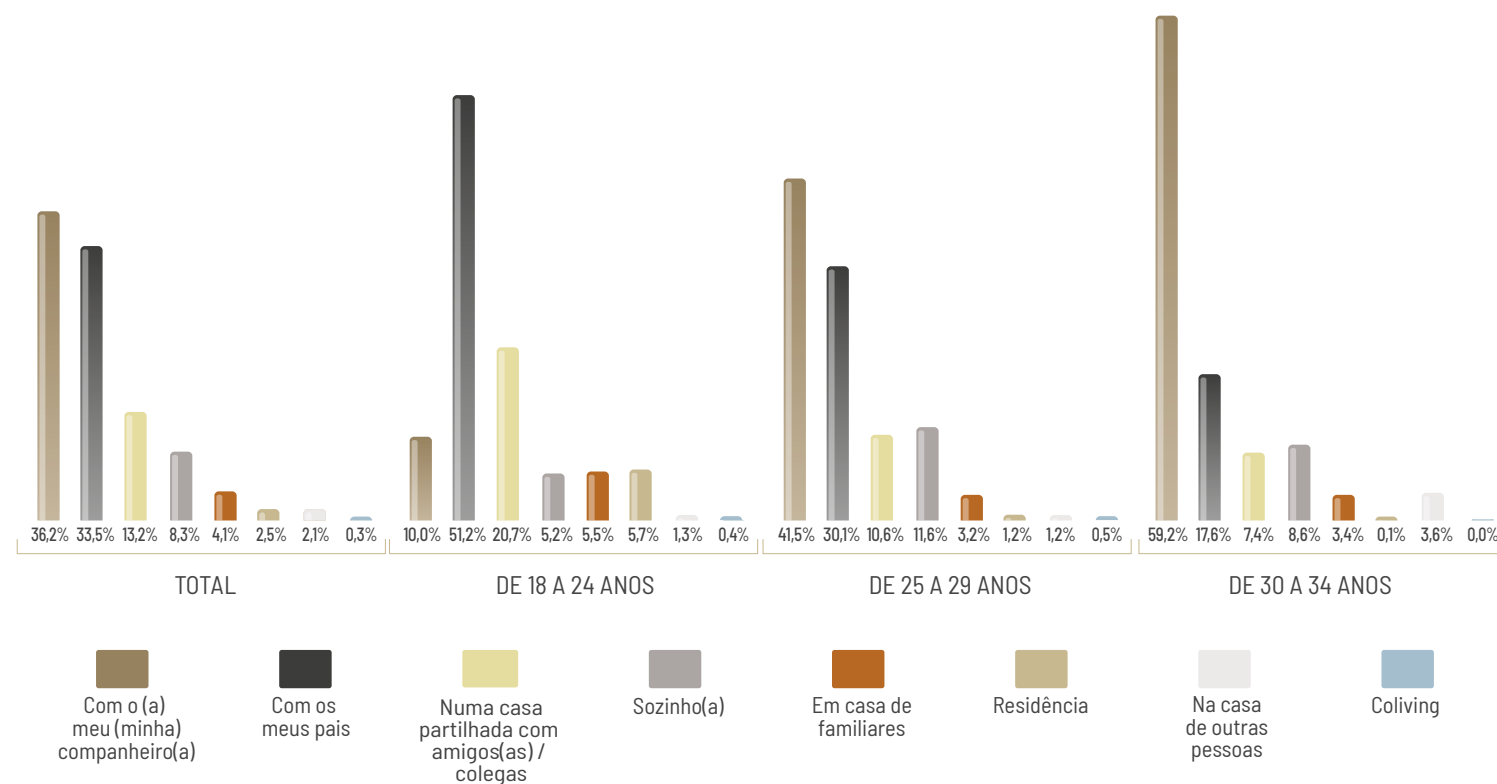
Viver sozinho é uma tendência minoritária no grupo etário mais jovem, com apenas 5,2% dos jovens, dos 18 aos 24 anos, a assumirem que têm uma casa só para si.

Este indicador chega aos 11,6% nos que estão entre 25 e os 29 anos e a 8,6% nos que têm mais de 30 anos.

Outras opções de habitação, como viver em casas de familiares, em casa de outras pessoas ou em residências e escolas, são pouco significativas em praticamente todas as faixas etárias.

A percentagem mais relevante (5,7%) corresponde aos jovens entre 18 e 24 anos, que vivem em residências ou escolas.

Situação habitacional dos jovens por faixa etária



Base: Total

GRAU DE SATISFAÇÃO COM A CASA

Jovens bastante satisfeitos
com a habitação actual

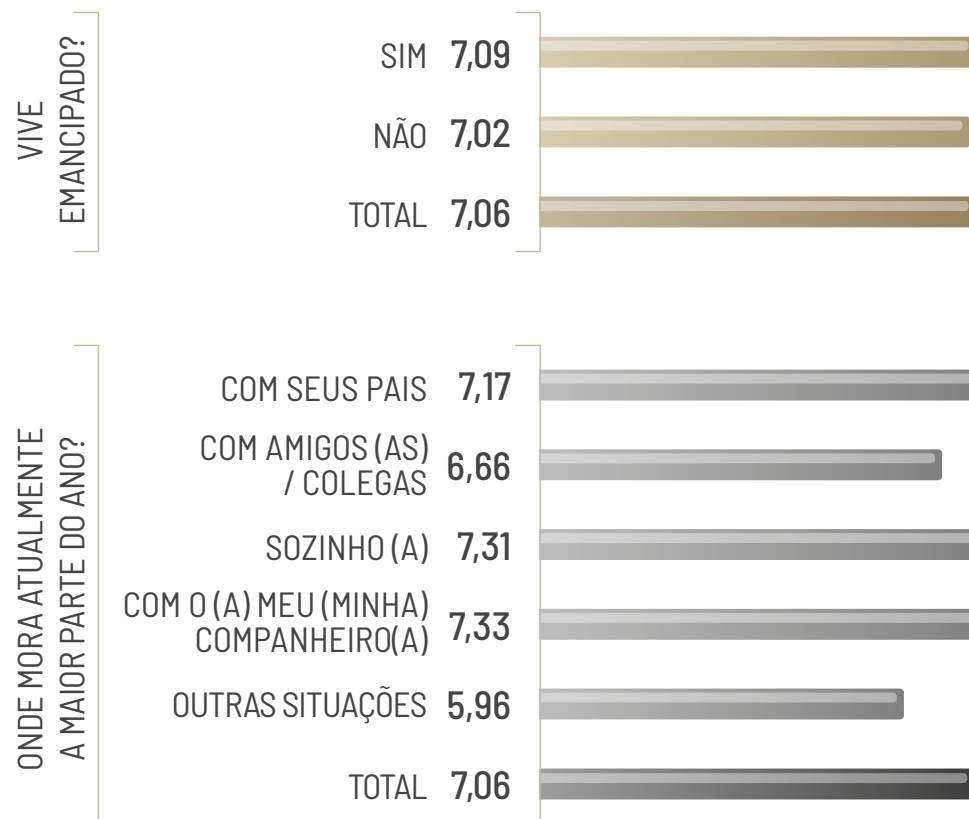
De um modo geral, os jovens portugueses estão satisfeitos com a sua habitação, o que demonstra que estão confortáveis a viver com os pais ou a partilhar casa com o parceiro.

O grau de satisfação com a habitação actual atinge os 7,06 numa escala de 0 a 10, e não há diferença significativa entre estar emancipado (7,09) ou não emancipado (7,02).

Porém, surgem algumas diferenças dependendo de com quem se vive. Os mais satisfeitos são os jovens que vivem em casal (7,33) seguidos de muito perto pelos que vivem sozinhos (7,31).

Para além disso, viver com os pais também é satisfatório (7,17) e melhor do que partilhar habitação com amigos (6,66).

Qual o nível de satisfação com a sua habitação actual, numa escala de 0 a 10?



Base: Total

8 EM CADA 10 NÃO VIVEM ONDE GOSTARIAM

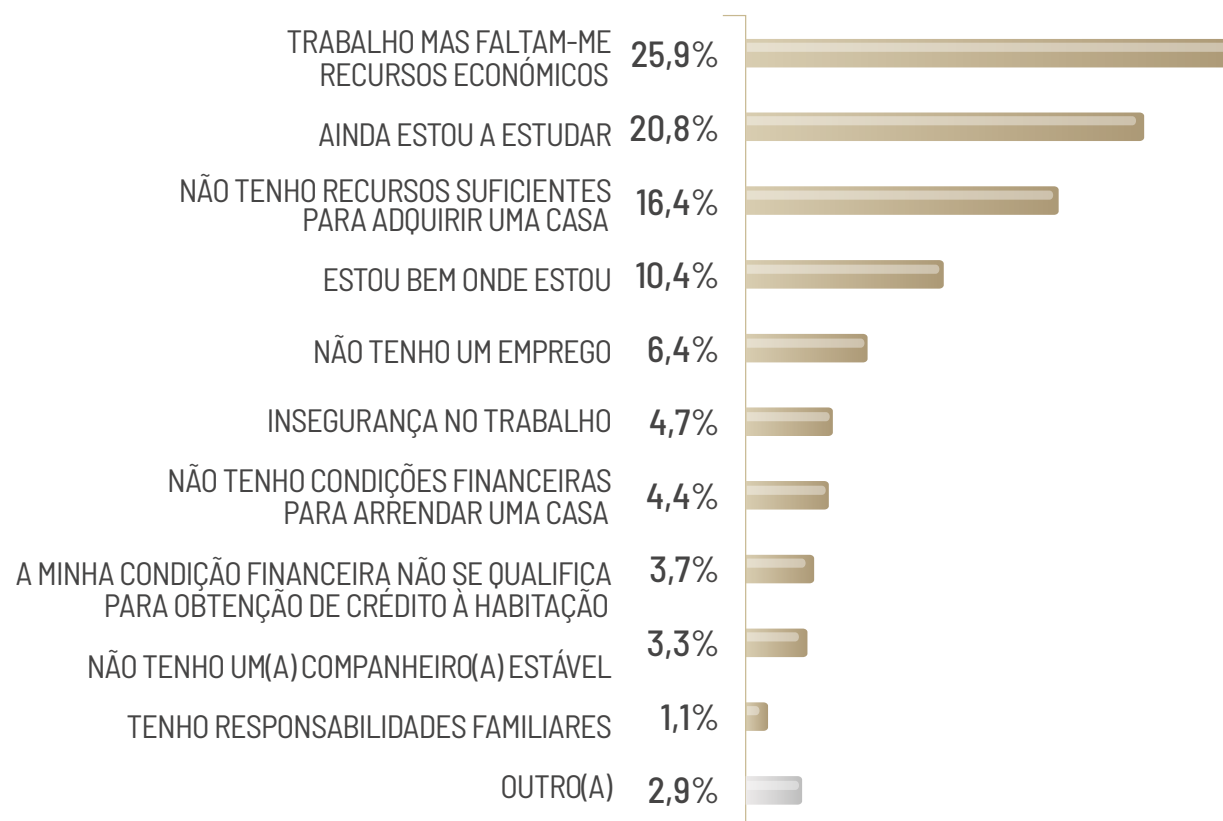
Recursos económicos
condicionam a escolha

Apesar do elevado grau de satisfação com a sua habitação actual, 78,1% dos jovens assume que não vive onde gostaria. A razão principal passa pela falta de recursos económicos para aceder à habitação desejada. Mesmo os 25,9% dos que já estão a trabalhar não atingem os rendimentos necessários para a casa pretendida. A falta de meios suficientes para aquisição de habitação (16,4%) a somar aos 6,4% que estão desempregados, aos 4,7% que sentem insegurança no trabalho e aos 4,4% que não conseguem arrendar são os principais obstáculos para os jovens acederem à sua habitação.

Contudo, 10% dos jovens que participaram neste estudo afirmam-se satisfeitos por viver onde estão actualmente.

Quando se pergunta aos jovens portugueses como gostariam de viver, uma maioria de 53,8% gostaria de viver em casa própria, enquanto 36,7% se inclina para uma habitação arrendada. No entanto, a análise desta preferência em função da idade permite outras conclusões relevantes. A habitação própria é a opção mais frequentemente escolhida a partir dos 25 anos de idade e ultrapassa os 64% entre os jovens com mais de 30 anos. Contudo, os dados revelam que o arrendamento está a ganhar terreno entre os mais novos.

Porque não vive onde gostaria?



Base: Não vivem onde gostariam

Um terço dos jovens gostaria de viver em casal, numa casa própria

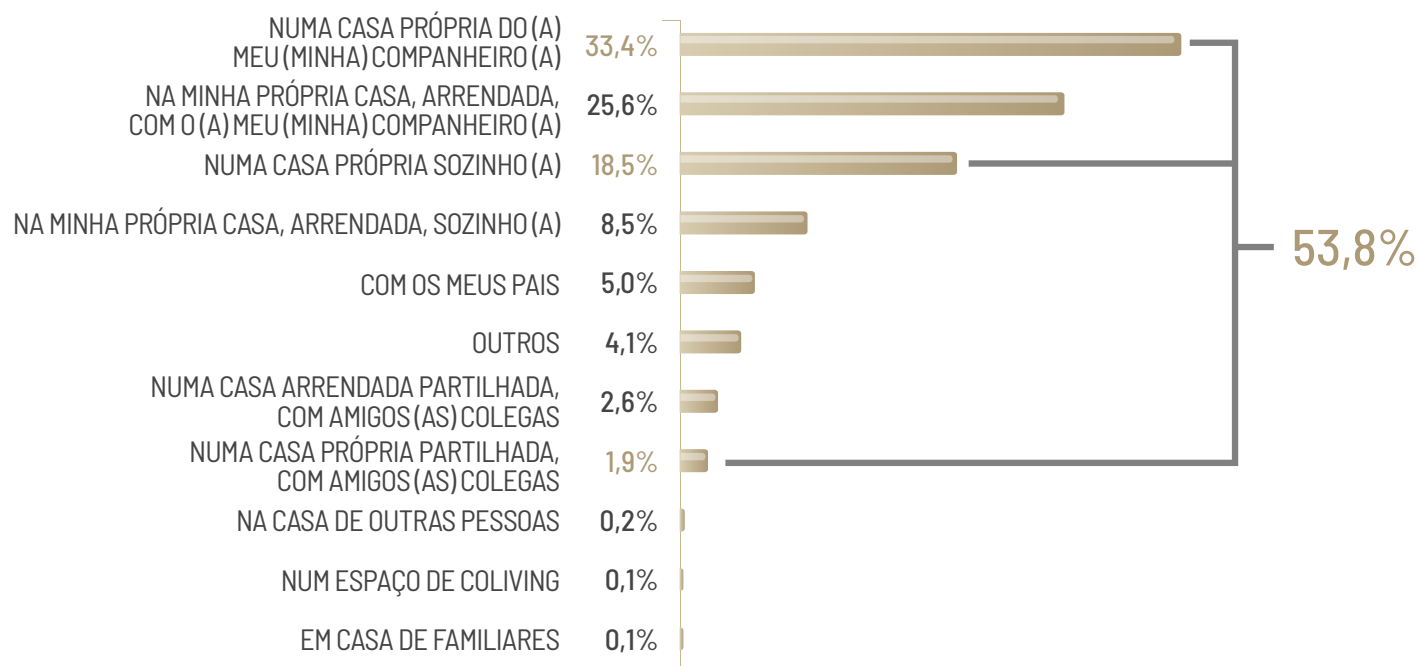
Na hora da verdade, 33,4% dos jovens gostaria de viver numa casa própria com o parceiro, 18,5% gostaria de viver sozinho e 1,9% com amigos. De qualquer das formas, 53,8% prefere uma opção de casa própria.

A alternativa do arrendamento é preferida por 36,7% dos jovens, quer seja para viver em casal (25,6%), sozinho (8,5%) ou com amigos (2,6%).

Apenas 4,5% optam por habitação partilhada, quer seja arrendada ou própria.

Mais uma vez se salienta a preponderância do desejo dos jovens portugueses que pretendem sair de casa dos pais para viverem em casal, uma tendência que aumenta também com a idade.

Se pudesse escolher onde gostaria de morar?



Base: Total

Comprar ou arrendar?

Quando se analisam as preferências de habitação dos jovens, em função das diversas faixas etárias, verifica-se que a intenção de adquirir casa regista um crescimento constante e em linha com o aumento da idade.

A opção por casa própria dispara para 64,5% nos jovens com mais de 30 anos, que são também os mais inseridos no mundo do trabalho.

A aquisição de habitação é a solução apontada por 54,6% dos jovens entre os 25 e 29 anos, e cai para 43,2% entre os menores de 25 anos.

No sentido inverso, a preferência pelo arrendamento é maior nos mais jovens e atinge os 48,1% nos que têm entre 18 e 24 anos, mas diminui à medida que a idade aumenta. Na faixa etária dos 25 aos 29 fixa-se nos 36,4% e desce para 25,1% a partir dos 30 anos.

Esta tendência indicia que os jovens portugueses mantêm ainda uma forte cultura de proprietários, à semelhança do que se verifica nas gerações anteriores. Porém, o arrendamento já é uma opção desejada por um em cada quatro jovens no limiar da vida adulta.

Se pudesse escolher onde gostaria de morar?

	TOTAL	IDADE		
		De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Numa casa própria do (a)meu (minha) companheiro (a)	33,4 %	21,9 %	36,1 %	43,4 %
Na minha própria casa, arrendada, com o (a) meu (minha) companheiro (a)	25,6 %	32,8 %	25,5 %	18,1 %
Numa casa própria sozinho (a)	18,5 %	17,7 %	17,4 %	20,2 %
Na minha própria casa, arrendada, sozinho (a)	8,5 %	10,3 %	9,2 %	6,1 %
Com os meus pais	5,0 %	8,1 %	4,8 %	1,9 %
Outros	4,1 %	0,7 %	3,2 %	8,3 %
Numa casa arrendada partilhada, com amigos (as) colegas	2,6 %	4,9 %	1,7 %	1,0 %
Numa casa própria partilhada, com amigos (as) colegas	1,9 %	3,5 %	1,2 %	0,9 %
Na casa de outras pessoas	0,2 %	0,0 %	0,5 %	0,0 %
Num espaço de coliving	0,1 %	0,0 %	0,5 %	0,0 %
Em casa de familiares	0,1 %	0,0 %	0,0 %	0,2 %
Casa própria	53,8 %	43,2 %	54,6 %	64,5 %
Casa arrendada	36,8 %	48,1 %	36,4 %	25,1 %

Base: Total

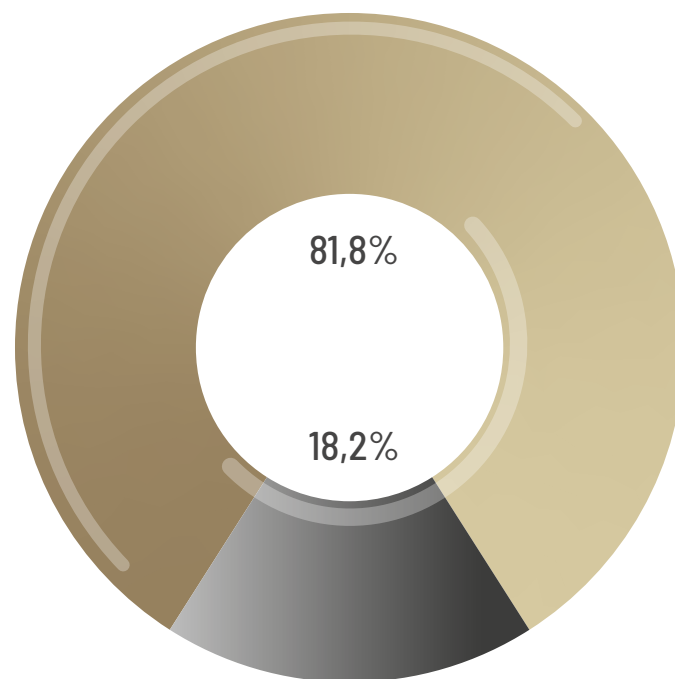
O CUSTO DA HABITAÇÃO

A esmagadora maioria dos jovens colabora nas despesas da casa

Na análise às questões económicas que envolvem a habitação, comprova-se que 8 em cada 10 jovens assumem parte das despesas da casa onde vivem.

O peso das despesas com a habitação aumenta, naturalmente, em função da idade, o que sugere uma correlação directa entre o grau de emancipação e a integração dos jovens no mercado laboral.

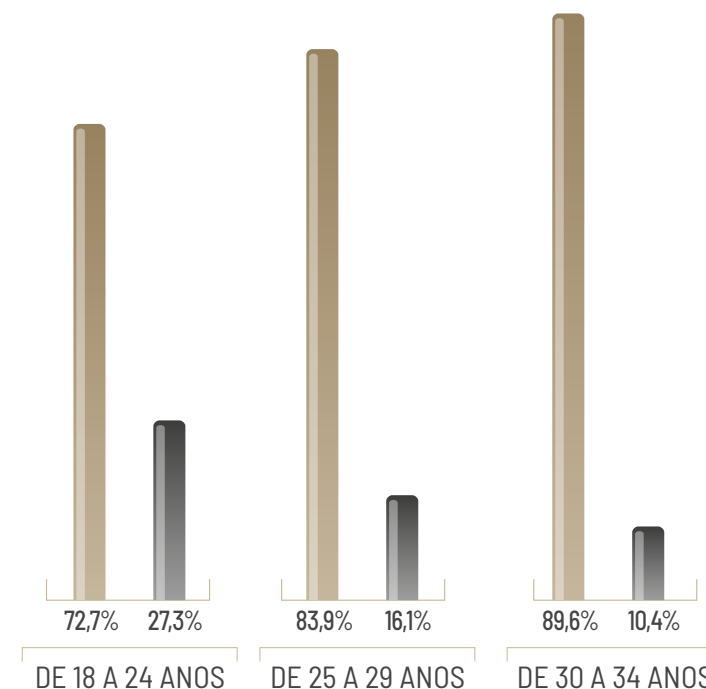
Mesmo nos mais jovens, a casa representa um custo para 72,7% dos inquiridos, entre os 25 e os 29 anos sobe para 83,9% e a partir dos 30 anos chega aos 89,6%.



COM PARTICIPAÇÃO



SEM PARTICIPAÇÃO



Base: Total

O custo com a habitação varia com a idade e a área de residência

O custo médio mensal que os jovens têm com arrendamento, hipoteca ou colaboração nas despesas da casa em que vivem é de 348€, a nível nacional.

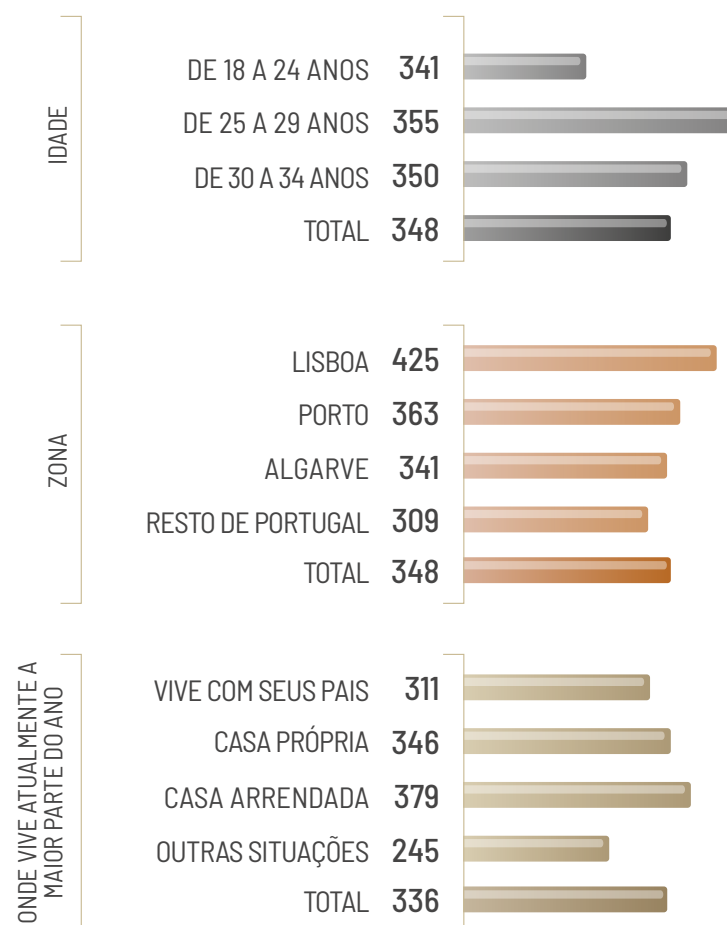
Esta despesa média aumenta para mais de 350€ entre os jovens com mais de 25 anos.

Lisboa é a região onde os jovens indicam ter um custo maior com as despesas da habitação, a atingir os 425€ mensais, seguida do Porto, onde a casa implica um custo médio de 363€. Já no Algarve este valor desce para os 341€ e no resto do país a média não ultrapassa os 309€ mensais.

Porém, estes custos mensais também variam em função dos diversos modelos de habitação.

Para os que vivem com os pais, a média de colaboração nas despesas da casa não ultrapassa os 311€, enquanto os que vivem numa habitação arrendada pagam uma média de 379€, mais 33€ mensais do que os que vivem em casa própria.

Qual é o montante por mês para a renda/hipoteca/colaboração nas despesas da casa onde vive? (em €)



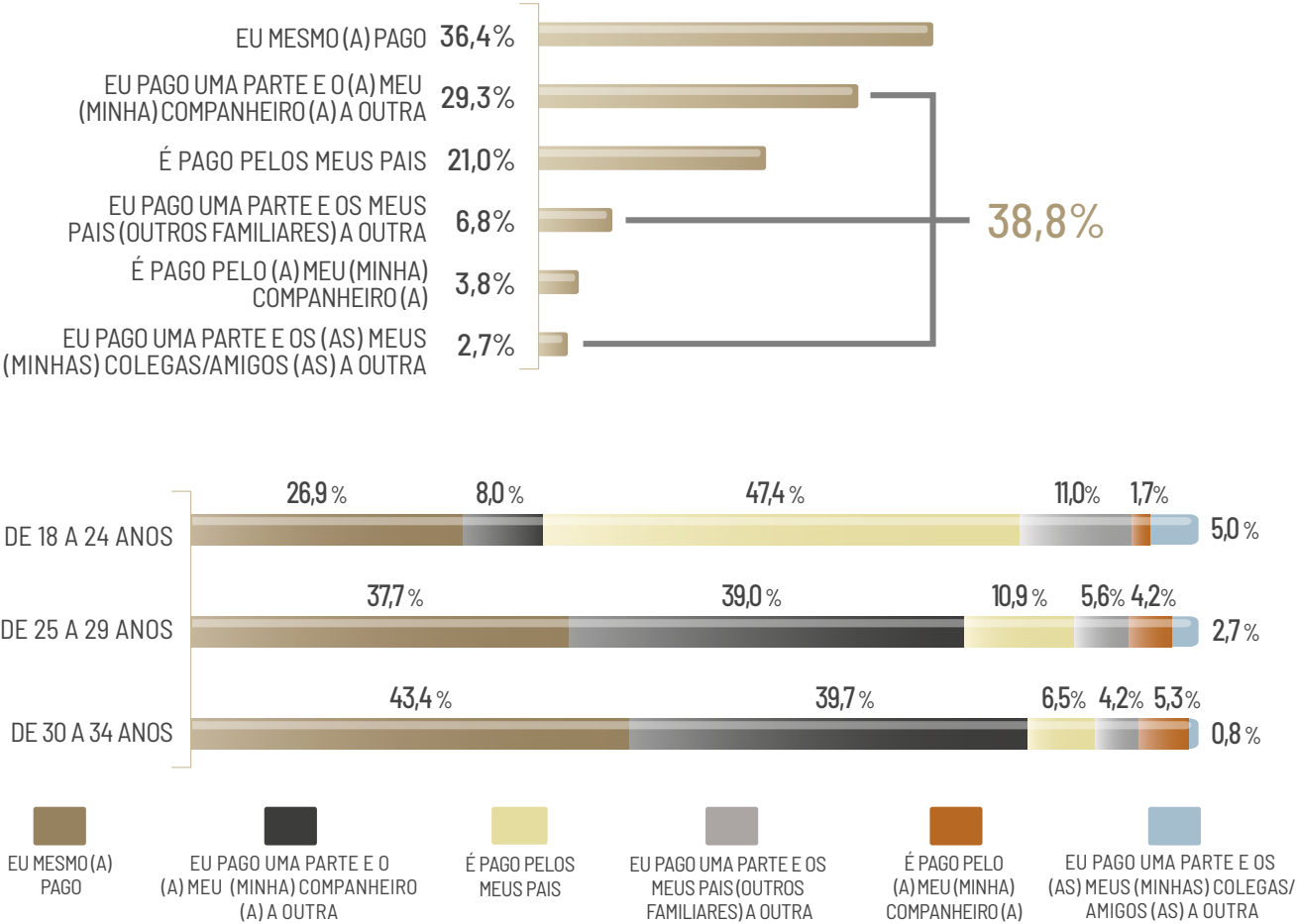
Base: Têm alguma despesa com habitação

38,8% dos jovens necessita de partilhar as despesas da casa

Quem paga esse valor?

Um aspecto é o custo com a casa, já quem o paga é outro completamente diferente. Apenas 36,4% dos jovens consegue assumir a totalidade dos gastos com a habitação onde vive, cerca de um terço partilha despesas com o companheiro e em 21% dos casos os custos da casa são integralmente suportados pelos pais.

Ao analisar este indicador, em função da faixa etária, conclui-se que a total dependência económica dos progenitores chega aos 47,4% nos jovens até aos 24 anos, decresce para os 10,9% nos jovens entre os 25 e 29 anos, e cai para os 6,5% nos que têm mais de 30 anos.



Base: Têm alguma despesa com habitação

ESTUDO NACIONAL

CAPÍTULO 2: A PRIMEIRA CASA QUE OS JOVENS QUEREM PARA SE EMANCIPAREM

Depois de conhecermos o contexto atual relativamente à habitação, questionámos os jovens que ainda moram em casa dos pais sobre a possibilidade de se emanciparem a curto prazo e perguntámos como gostariam que fosse a sua primeira casa. As respostas demonstram uma visão ambiciosa, muito longe da casa que poderiam realmente comprar ou arrendar com os seus recursos financeiros.

ZONA DE PREFERÊNCIA

Maioria quer a sua primeira casa numa zona periférica do centro da cidade onde vive

Em que zona queria a sua primeira casa?

Os jovens de todas as idades- de ambos os géneros, e das diferentes regiões do país- preferem que a sua primeira casa esteja localizada na cidade onde já vivem. Esta tendência é ligeiramente superior no segmento mais jovem, e nos inquiridos do Porto, onde mais de um terço dos jovens escolhe a Invicta para ter a sua primeira casa.

A zona da habitação reúne consenso nas diversas faixas etárias, com os jovens a admitirem que a principal preferência é viver nas zonas periféricas do centro da cidade onde habitam. O centro da cidade é a segunda opção mais apetecível para os lisboetas, bem como para os jovens portugueses com mais de 30 anos e para o segmento etário mais jovem. Os jovens entre os 25 e os 29 anos são os que apresentam maior apetência (14,7%) para mudar de cidade ou região, seguidos por 13,5% dos que têm mais de 30 anos, sendo também nesta faixa etária que se regista maior predisposição para viver num meio rural.

	Total	Sexo		Idade		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Cidade onde atualmente trabalho ou estudo	27,6%	27,8%	27,4%	28,0%	27,5%	26,3%
Nas zonas periféricas do centro da minha cidade	22,3%	21,0%	23,8%	23,3%	19,4%	23,4%
No centro da cidade onde atualmente resido	20,9%	21,6%	20,1%	21,7%	18,2%	22,3%
Noutra cidade ou região	11,4%	13,6%	8,9%	9,3%	14,7%	13,5%
Nos subúrbios da minha cidade	7,8%	10,2%	5,0%	8,9%	8,4%	2,8%
Num meio rural	6,5%	5,5%	7,6%	4,3%	8,5%	10,6%
Noutro país	3,5%	0,3%	7,2%	4,4%	3,2%	1,1%

	Total	Zona			
		Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Cidade onde atualmente trabalho ou estudo	27,6%	28,3%	37,8%	18,3%	25,2%
Nas zonas periféricas do centro da minha cidade	22,3%	22,3%	25,5%	24,0%	21,3%
No centro da cidade onde atualmente resido	20,9%	24,1%	17,3%	14,3%	21,0%
Noutra cidade ou região	11,4%	8,3%	6,5%	19,8%	13,6%
Nos subúrbios da minha cidade	7,8%	15,6%	7,6%	12,2%	3,2%
Num meio rural	6,5%	0,0%	4,2%	11,4%	10,0%
Noutro país	3,5%	1,4%	1,2%	0,0%	5,7%

Base: Jovens não emancipados

TIPO DE HABITAÇÃO

Quatro em cada 10 preferem apartamento

Que tipo de habitação seria?

Quanto ao tipo de habitação, a primeira opção para 44,5% dos jovens é um apartamento. Contudo, esta preferência muda para uma moradia nos que têm mais de 30 anos (36,1%) e para 36,6% nos jovens algarvios. Esta tendência pode evidenciar uma maior apetência para começar a constituir família num espaço mais adequado para iniciar a vida adulta, consoante as características do parque imobiliário da região onde pretendem habitar.

Viver num estúdio é a segunda preferência (18,1%) dos que têm entre 25 e 29 anos e por 14% dos lisboetas. Esta opção também é indicada por 17,1% dos portuenses e por quase 15% dos jovens no resto do País. Um estúdio também é 3% mais apetecível para as mulheres do que para os homens.

Surpreendentemente, a opção de coliving é irrelevante e a menos atractiva para os jovens de todas as faixas etárias, excepto para 3,4% dos que têm entre 25 e 29 anos.

	Total	Sexo		Idade		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Um apartamento num prédio	44,5%	41,9%	47,5%	45,9%	48,2%	34,4%
Moradia	21,8%	23,6%	19,7%	22,9%	9,8%	36,1%
Estúdio ou loft	14,6%	13,1%	16,3%	13,0%	18,1%	15,0%
Apartamento em edifício / Apartamento em condomínio fechado	12,2%	14,3%	9,7%	13,4%	9,7%	11,7%
Moradia geminada / Moradia em banda	6,0%	6,1%	5,8%	4,8%	10,8%	2,8%
Espaço de coliving	0,9%	0,9%	0,9%	0,1%	3,4%	0,0%

	Total	Zona			
		Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Um apartamento num prédio	44,5%	59,2%	41,0%	27,1%	39,7%
Moradia	21,8%	9,9%	23,5%	36,6%	26,0%
Estúdio ou loft	14,6%	14,0%	17,1%	7,7%	14,9%
Apartamento em edifício / Apartamento em condomínio fechado	12,2%	12,8%	15,3%	25,1%	9,6%
Moradia geminada / Moradia em banda	6,0%	4,1%	3,2%	2,2%	8,2%
Espaço de coliving	0,9%	0,0%	0,0%	1,4%	1,7%

Base: Jovens não emancipados

Homens preferem uma casa nova

Como preferia que fosse a casa?

Quando se questiona se preferiam uma habitação nova ou usada, a maioria dos jovens (64,1%) não se importa se a casa é nova ou não, desde que esteja em boas condições.

No entanto, para os que têm opinião mais concreta sobre esta questão, uma casa nova é a opção preferida de 18,8%. Em segundo lugar, com 16,8% das preferências, indicam uma habitação usada, em bom estado.

A preferência de uma habitação nova é maior entre os homens (21,8%), os jovens dos 25 aos 29 anos (20,6%) e os que vivem no Algarve (25,6%).

	Total	Sexo		Idade		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
É indiferente, se a habitação estiver bem conservada	64,1%	61,6%	66,9%	61,7%	67,5%	66,9%
Nova	18,8%	21,8%	15,2%	18,8%	20,6%	15,9%
Usada, reabilitada	16,8%	15,9%	17,8%	18,9%	11,9%	17,1%
Usada, sem reabilitação	0,4%	0,7%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%

	Total	Zona			
		Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
É indiferente, se a habitação estiver bem conservada	64,1%	66,3%	62,9%	46,6%	65,0%
Nova	18,8%	12,6%	22,7%	25,6%	20,1%
Usada, reabilitada	16,8%	19,7%	14,3%	27,9%	14,9%
Usada, sem reabilitação	0,4%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%

Base: Jovens não emancipados

ÁREA E OUTRAS CARACTERÍSTICAS

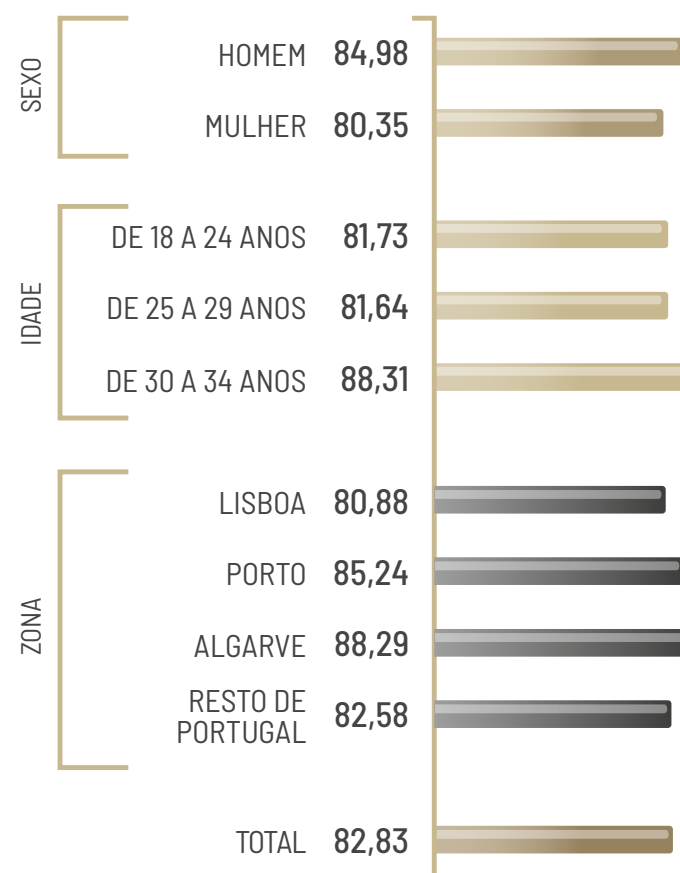
A casa ideal deveria ter mais de 82m²

Que características deve ter em termos de metros quadrados?

A primeira casa a que os jovens portugueses aspiram para se tornarem independentes devia ter uma área de 82,8m². Contudo, os homens são mais exigentes do que as mulheres em relação ao tamanho da habitação, e gostariam de uma habitação com mais 4 m².

Em geral, as expectativas de todos os jovens estão muito alinhadas sobre a área da casa que desejam. Porém, a dimensão pretendida aumenta com a idade, com os jovens a partir dos 30 anos a desejarem já uma casa com área superior a 88m².

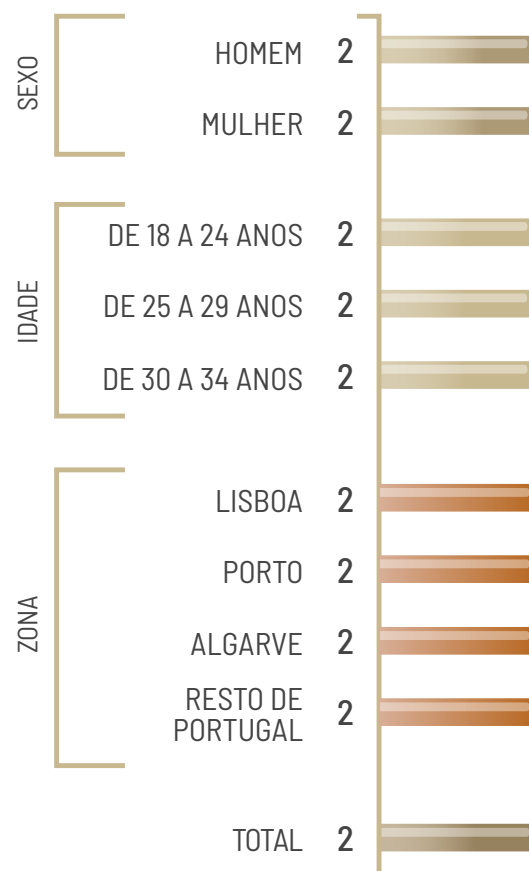
Na análise por área geográfica, os jovens lisboetas são os mais moderados, a ambicionarem casas com 80 m². No extremo oposto estão os algarvios, com a expectativa de se emanciparem para uma casa de 88m².



Base: Jovens não emancipados

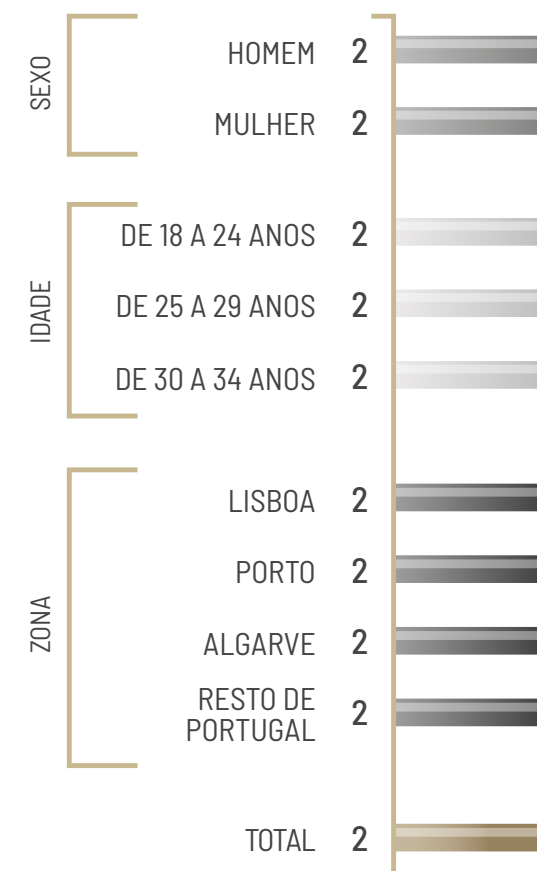
É raro, mas acontece. Quando se questiona qual o número de quartos e quantas casas de banho gostariam que a primeira casa tivesse, todos os jovens, de ambos os géneros, em todos os segmentos etários e de todas as regiões do país foram unânimes nas respostas: a habitação que pretendem para se emanciparem deve ter dois quartos e duas casas de banho. Definitivamente, um número a fixar.

Que características deve ter em termos de número de quartos?



Unanimidade absoluta.
Dois quartos, duas casa de banho.

Que características deve ter em termos de casas de banho?



Base: Jovens não emancipados

Seis em cada 10 homens preferem salas maiores e quartos menores.

Quanto à distribuição dos espaços da habitação, 56,9% dos jovens que ainda vive com os pais prefere que a sua primeira casa tenha uma sala grande e quartos pequenos. Esta tendência é mais significativa em Lisboa com 63,3% a privilegiarem o espaço social da casa em detrimento dos quartos, nos homens e nos jovens dos 25 aos 29 anos. Embora esta escolha seja maioritária em todos os segmentos etários, opinião contrária têm os jovens do Porto e do Algarve, onde 52,4% e 56,6%, respetivamente, prefere uma casa com quartos grandes e uma sala de estar menor.

A maioria (55,1%) dos jovens prefere também que a sua primeira casa tenha uma cozinha e sala de estar separadas, com os jovens do Porto a liderarem com 69,9%. No entanto, 44,9% optou por colocá-los numa única divisão, o que pode indiciar uma nova tendência para uma melhor gestão do espaço. A opção de ter a cozinha e a sala de estar no mesmo espaço é mais atractiva para as mulheres (49,8%) e para os jovens residentes no resto do país (56,2%).

Qual a distribuição de espaços que a casa deveria ter?

	Sexo			Idade			Zona			
	Total	Homem	Mulher	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Sala grande e quartos pequenos	56,9%	61,7%	51,3%	54,7%	60,7%	58,5%	63,3%	47,6%	43,4%	57,6%
Quartos grandes e sala pequena	43,1%	38,3%	48,7%	45,3%	39,3%	41,5%	36,7%	52,4%	56,6%	42,4%
Cozinha independente e sala de estar	55,1%	59,4%	50,2%	50,6%	65,1%	55,7%	68,9%	69,6%	54,6%	43,8%
Cozinha e sala de estar numa única divisão	44,9%	40,6%	49,8%	49,4%	34,9%	44,3%	31,1%	30,4%	45,4%	56,2%

Base: Jovens não emancipados

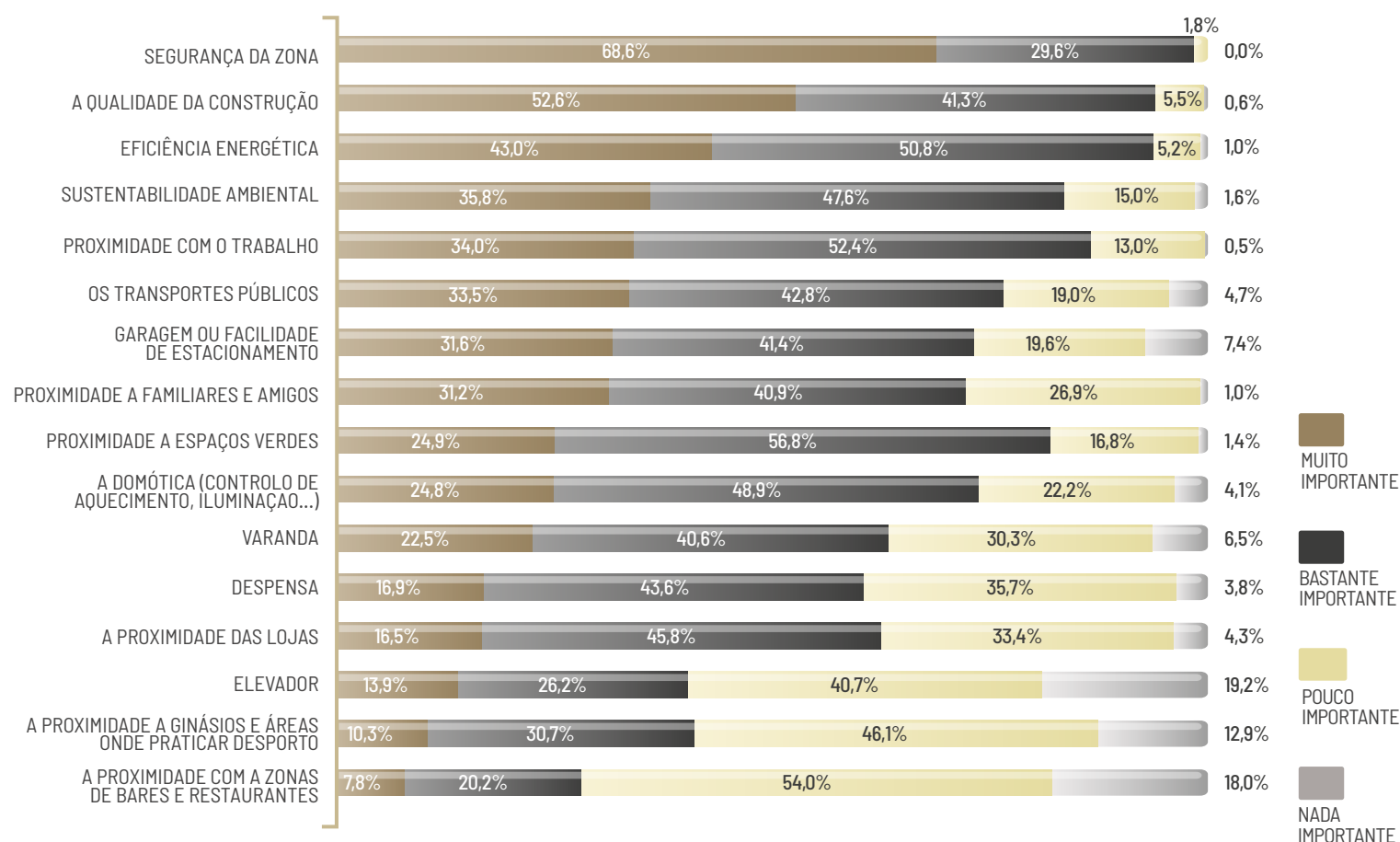
A segurança da zona e a qualidade da construção são os dois aspetos que os jovens mais valorizam na casa pretendida.

Relativamente à casa que procuram para se emancipar, 68,6% dos jovens que vivem com os pais definem que o factor mais importante é a segurança da zona.

O segundo factor mais valorizado é a qualidade da construção (52,6%), seguido da eficiência energética (43%). Tendo em conta que mais de um terço dos jovens atribui também grande importância à sustentabilidade ambiental, à proximidade da habitação ao local de trabalho e aos transportes públicos, torna-se evidente a elevada consciência de desenvolvimento sustentável que esta geração já adquiriu.

No extremo oposto, os aspectos que os jovens menos valorizam são a proximidade a zonas de restauração e ginásios.

Pensando na casa que precisaria agora, qual a importância de cada um dos seguintes aspetos para si?



Terraço, garagem e despensa são os mais fáceis de abdicar

Caso encontrasse uma habitação ajustada ao orçamento previsto, os primeiros aspectos que 19,2% dos jovens estariam disponíveis a renunciar para ter a sua casa são os extras como terraço, garagem e despensa, embora os mais resistentes a estas desistências sejam os trintões, os lisboetas e as mulheres.

O segundo factor a renunciar é a localização, com 17,8% a desistirem de viver no centro da cidade, uma decisão mais apontada pelo segmento com mais de 30 anos, pelos homens e pelos alfacinhas.

O número de quartos surge no terceiro lugar do que os jovens estariam dispostos a abdicar, contudo, os algarvios são os mais resistentes a essa opção (5,7%) seguidos pelos lisboetas (7%) e dos jovens com mais de 30 anos.

No outro extremo, os aspectos mais fáceis de renunciar para os jovens são o número de casas de banho da habitação e a proximidade a áreas de lazer e prática desportiva.

A que renunciaria se a habitação pretendida se encaixasse no preço que estimou gastar ?

	Sexo			Idade			Zona			
	Total	Homem	Mulher	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Extras como: terraço, garagem, despensa	19,2%	22,6%	15,2%	23,2%	17,0%	9,1%	14,0%	26,9%	17,0%	19,9%
Estar no centro	17,8%	21,1%	14,0%	15,9%	16,3%	26,4%	20,9%	18,9%	9,8%	16,7%
O número de quartos	12,0%	8,5%	16,0%	10,2%	18,6%	8,0%	7,0%	8,5%	5,7%	16,2%
A superfície, em m²	11,7%	13,6%	9,5%	11,1%	15,0%	8,5%	12,8%	4,3%	16,3%	12,8%
A proximidade ao local de trabalho	11,3%	8,1%	14,9%	12,1%	12,8%	6,3%	7,1%	10,2%	18,9%	13,0%
A proximidade a transportes públicos	8,1%	8,5%	7,5%	7,8%	8,2%	8,7%	18,3%	12,0%	4,1%	1,9%
A proximidade das lojas e mercados	7,7%	6,4%	9,3%	8,8%	4,5%	8,9%	5,6%	3,8%	13,1%	9,5%
A proximidades a áreas para prática de desporto / lazer	3,8%	3,9%	3,7%	5,0%	3,2%	0,7%	4,3%	9,8%	9,4%	1,2%
O número de casas de banho	1,8%	2,3%	1,2%	1,5%	0,0%	5,5%	2,9%	2,3%	1,4%	1,1%
Outro(a)	6,6%	4,9%	8,6%	4,4%	4,3%	17,9%	7,0%	3,2%	4,3%	7,7%

Base: Jovens não emancipados

ESTUDO
NACIONALCAPÍTULO 3:
A HABITAÇÃO PARA O FUTURO

Se os planos de curto prazo dos jovens são aspiracionais, mais ambiciosos se tornam, a médio e longo prazo. Pedimos aos jovens entrevistados que se projetassem num horizonte temporal -de cinco a oito anos- considerando um cenário hipotético em que já têm um salário razoável, uma situação profissional e pessoal estável, e pedimos para nos dizerem em que tipo de habitação gostariam de viver, nessa altura. A primeira conclusão incontornável demonstra que, longe de romper com o modelo tradicional de habitação das gerações anteriores, os jovens perpetuam o modelo de habitação própria. No futuro, os jovens querem viver em zonas centrais ou periféricas do centro. As expectativas quanto ao tamanho da sua futura casa são ampliadas para mais de 110 m², priorizando o tamanho da sala de estar em relação ao dos quartos.

A PREFERÊNCIA POR CASA PRÓPRIA É GENERALIZADA

Nove em cada dez mulheres querem casa própria

Os jovens portugueses continuam a evidenciar uma forte cultura de proprietário.

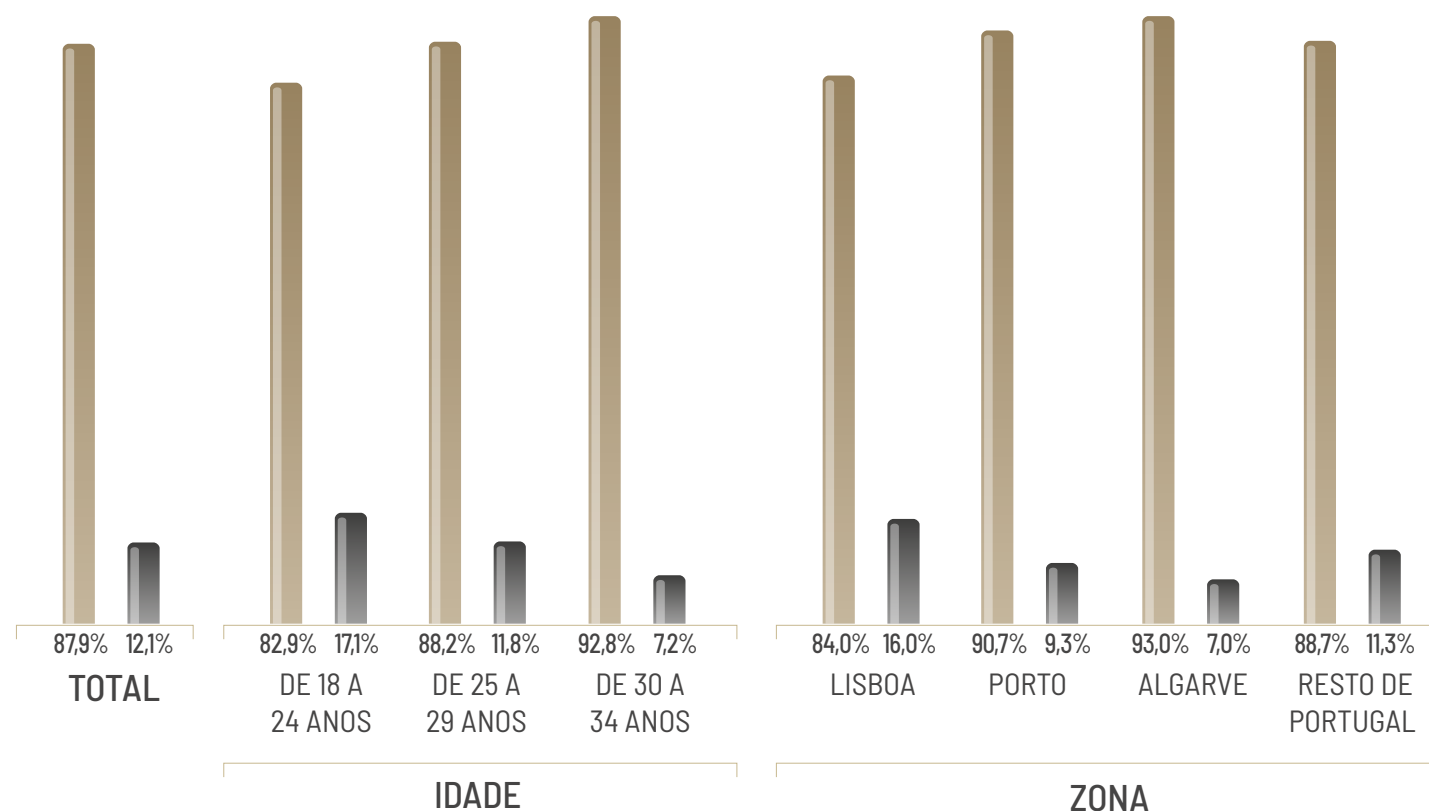
No futuro, apenas 12,1% dos jovens se vê a habitar numa casa arrendada. A aquisição de habitação supera sempre os 80%, em todas as faixas etárias e zonas do país.

A preferência pela compra de casa excede os 90% entre as mulheres e 85% nos homens.

A opção de arrendamento tem maior expressão (16%) em Lisboa

O desejo de aquisição de habitação aumenta, consecutivamente, com a idade. No Algarve este indicador atinge o valor máximo de 93%.

Imagine que já passaram 5 a 8 anos. Tem um emprego, um salário razoável e uma situação estável. Pense no tipo de casa que gostaria de ter nesse momento. Seria uma casa própria ou arrendada?



Base: Total

PRÓPRIA

ARRENDADA

ZONA DE PREFERÊNCIA

Zonas periféricas do centro
são a opção de preferida por
todos os jovens, no futuro

No futuro, mais de um terço (38,6%) dos jovens gostaria de viver numa zona periférica do centro da sua cidade, uma opção que reúne mais adeptos no segmento etário a partir dos 30 anos (42,4%), nos mais jovens (39,2%) e nos homens.

A segunda opção mais ambicionada (26,2%) é o centro da cidade. O indicador mais expressivo verifica-se nos jovens entre os 25 e 29 anos, com três em cada 10 a indicarem que pretendem viver no centro da cidade. As mulheres são as segundas maiores adeptas do centro.

Outro dado interessante é que após alguns anos, um quarto dos jovens pondera afastar-se do estilo de vida cosmopolita, já que 12,8% considera morar nos subúrbios, enquanto 12,5% mostra interesse em morar em zonas rurais.

Com o passar dos anos, os jovens terão atingido níveis mais elevados de segurança e estabilidade, e a opção de mudar para outra cidade é apontada por apenas 6,1%.

As zonas periféricas do centro são mais atractivas (47,1%) para os jovens do Porto, que superam quase em 10% as preferências dos jovens de Lisboa. Os portugueses são também os mais resistentes a mudar para outra cidade (2,5%) seguidos de perto pelos lisboetas com apenas 2,9% a ponderar abandonar a capital.

Em que zona seria?

	Total	Sexo		Idade		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Zona periférica do centro	38,6%	39,0%	38,3%	39,2%	33,5%	42,4%
No centro da cidade	26,2%	24,8%	27,6%	25,8%	30,0%	23,5%
Subúrbios	12,8%	15,5%	10,2%	14,5%	12,8%	11,1%
Num meio rural	12,5%	12,0%	13,0%	10,8%	12,8%	14,1%
Noutra cidade	6,1%	5,3%	7,0%	6,2%	7,8%	4,7%
Noutro país	3,7%	3,5%	3,9%	3,6%	3,2%	4,2%

	Total	Zona			
		Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Zona periférica do centro	38,6%	37,6%	47,1%	46,5%	36,6%
No centro da cidade	26,2%	30,7%	31,1%	20,2%	23,4%
Subúrbios	12,8%	16,9%	10,7%	11,6%	11,4%
Num meio rural	12,5%	8,4%	7,1%	13,5%	15,7%
Noutra cidade	6,1%	2,9%	2,5%	5,5%	8,6%
Noutro país	3,7%	3,5%	1,6%	2,6%	4,3%

Base: Total

TIPO DE HABITAÇÃO

A preferência por uma moradia está totalmente generalizada. É a primeira opção dos jovens de todos os segmentos etários e nas várias zonas do país

No futuro, a maioria absoluta dos jovens (54,3%) sonha viver numa moradia. Esta vontade é maioritária transversalmente em todas as faixas etárias, ambos os géneros, e em todas as zonas do País. Esta opção é também quase três pontos mais atractiva para as mulheres. Porém, a tendência é liderada pelos jovens com mais de 30 anos (56,7%).

A segunda preferência passa por um apartamento num prédio, porém com uma expressiva diferença de 36,5 % face à primeira opção.

Contudo, os níveis de ambição de vir a habitar numa moradia são diferentes, em função de cada zona do País. Os jovens de Lisboa são os que menos expectativas têm nessa opção (38,7%), mas são também os que mais apontam (18,9%) a preferência por viver num apartamento em condomínio fechado. Uma opção que se indicia mais realista, tendo em conta a malha urbana da capital.

Os mais determinados em habitar numa moradia são os algarvios, que lideram com 62,6% das preferências, seguidos de muito perto pelos jovens das restantes regiões do país.

Destaque também para os jovens do Porto que quebram a tendência transversal da segunda opção pelo apartamento, indicando que a seguir à moradia escolheriam viver num apartamento em condomínio fechado (17,8%).

Em que tipo de casa?

	Total	Sexo		Idade		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Moradia	54,3%	52,9%	55,7%	54,3%	51,5%	56,7%
Um apartamento num prédio	17,8%	18,2%	17,4%	18,5%	19,0%	16,1%
Apartamento em edifício / em condomínio fechado	13,0%	14,8%	11,3%	15,2%	13,2%	10,6%
Moradia geminada / Moradia em banda	9,7%	8,4%	11,0%	6,9%	10,9%	11,7%
Estúdio ou loft	5,1%	5,7%	4,6%	5,2%	5,4%	4,9%

	Total	Zona			
		Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Moradia	54,3%	38,7%	51,4%	62,6%	62,0%
Um apartamento num prédio	17,8%	26,2%	15,0%	12,6%	14,7%
Apartamento em edifício / em condomínio fechado	13,0%	18,9%	17,8%	9,4%	9,4%
Moradia geminada / Moradia em banda	9,7%	9,3%	11,8%	10,2%	9,4%
Estúdio ou loft	5,1%	6,9%	4,0%	5,3%	4,5%

Base: Total

ÁREA E DISTRIBUIÇÃO DA HABITAÇÃO

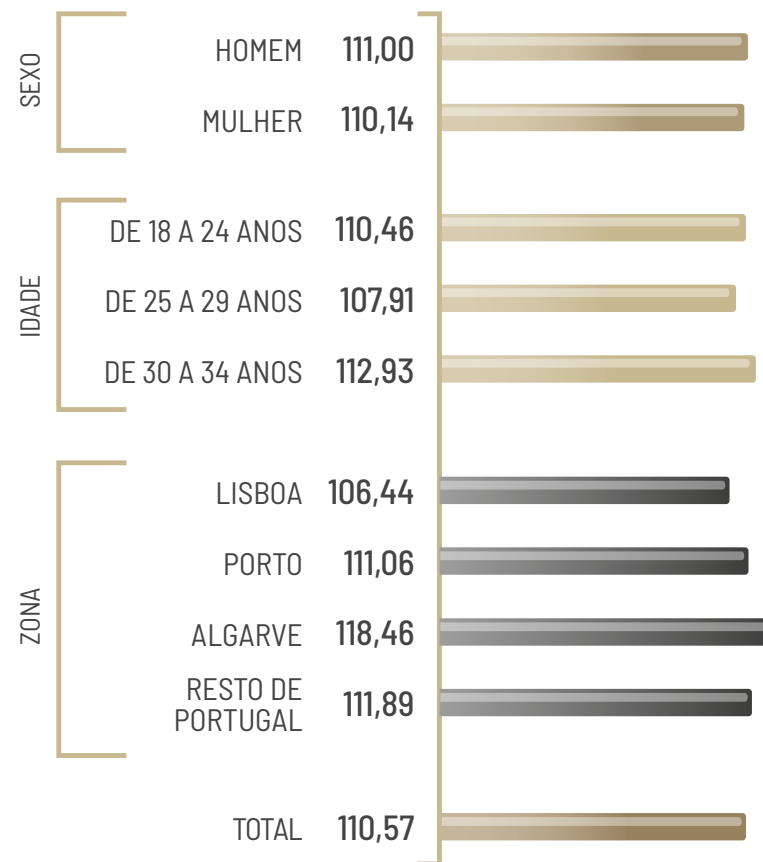
A casa de sonho dos jovens teria mais de 110m², três quartos e duas casas de banho

Num horizonte de cinco a oito anos, os jovens esperam poder ter uma casa com uma área superior a 110 m². Contudo, salientam-se variações mínimas em função dos segmentos etários e das diferentes zonas do país, com os jovens algarvios a liderarem as expectativas relativas à área da casa, para 118 m². Lisboa é a cidade onde a ambição dos jovens é mais moderada e indicam uma casa de cerca de 106 m², a área de habitação mais reduzida de todo o País.

Já em termos de distribuição dos espaços da habitação, volta a registar-se unanimidade total em todas as faixas etárias e regiões estudadas. Os jovens portugueses pretendem que a casa do futuro tenha três quartos e duas casas de banho.

Ao conjugar todos os indicadores já apurados, no futuro, a casa ideal para os jovens é uma moradia, com cerca de 110m², três quartos, duas casas de banho, localizada numa zona periférica do centro da cidade e em regime de habitação própria. Conclui-se assim que os jovens demonstram ter expectativas bastante elevadas em relação à habitação, tendo em conta a oferta actual do mercado imobiliário nacional.

Que características deve ter em termos de metros quadrados?



Base: Total

No momento de decidir a distribuição dos espaços da casa, seis em cada dez jovens prefere sala maior e quartos menores. Esta escolha é maioritária em todos os casos e ganha mais peso nos homens, nos que têm mais de 30 anos, e em Lisboa.

Só no Algarve é que as preferências estão um pouco mais divididas: 51,3% prefere sala grande e quartos pequenos, enquanto 48,7% prefere a opção inversa. O interesse por quartos maiores é mais expressivo entre as mulheres (45,9%) do que nos homens (34,6%).

A maioria dos jovens 63,8% também gostaria que a casa do futuro tivesse a cozinha independente da sala. Esta preferência é predominante em todos os casos. No Algarve é onde se regista maior aceitação de uma casa com cozinha e a sala de estar no mesmo espaço, uma opção ponderada também por 39,3% dos jovens entre os 18 e os 24 anos.

Em relação às características da casa, qual a preferência?

	Sexo			Idade			Zona			
	Total	Homem	Mulher	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Sala grande e quartos pequenos	59,8%	65,4%	54,1%	56,1%	60,3%	63,2%	63,7%	60,7%	51,3%	58,2%
Quartos grandes e sala pequena	40,2%	34,6%	45,9%	43,9%	39,7%	36,8%	36,3%	39,3%	48,7%	41,8%
Cozinha independente e sala de estar	63,8%	65,3%	62,4%	60,7%	68,4%	63,3%	69,9%	71,7%	58,5%	59,5%
Cozinha e sala de estar numa única divisão	36,2%	34,7%	37,6%	39,3%	31,6%	36,7%	30,1%	28,3%	41,5%	40,5%

Base: Total

CARACTERÍSTICAS DA HABITAÇÃO

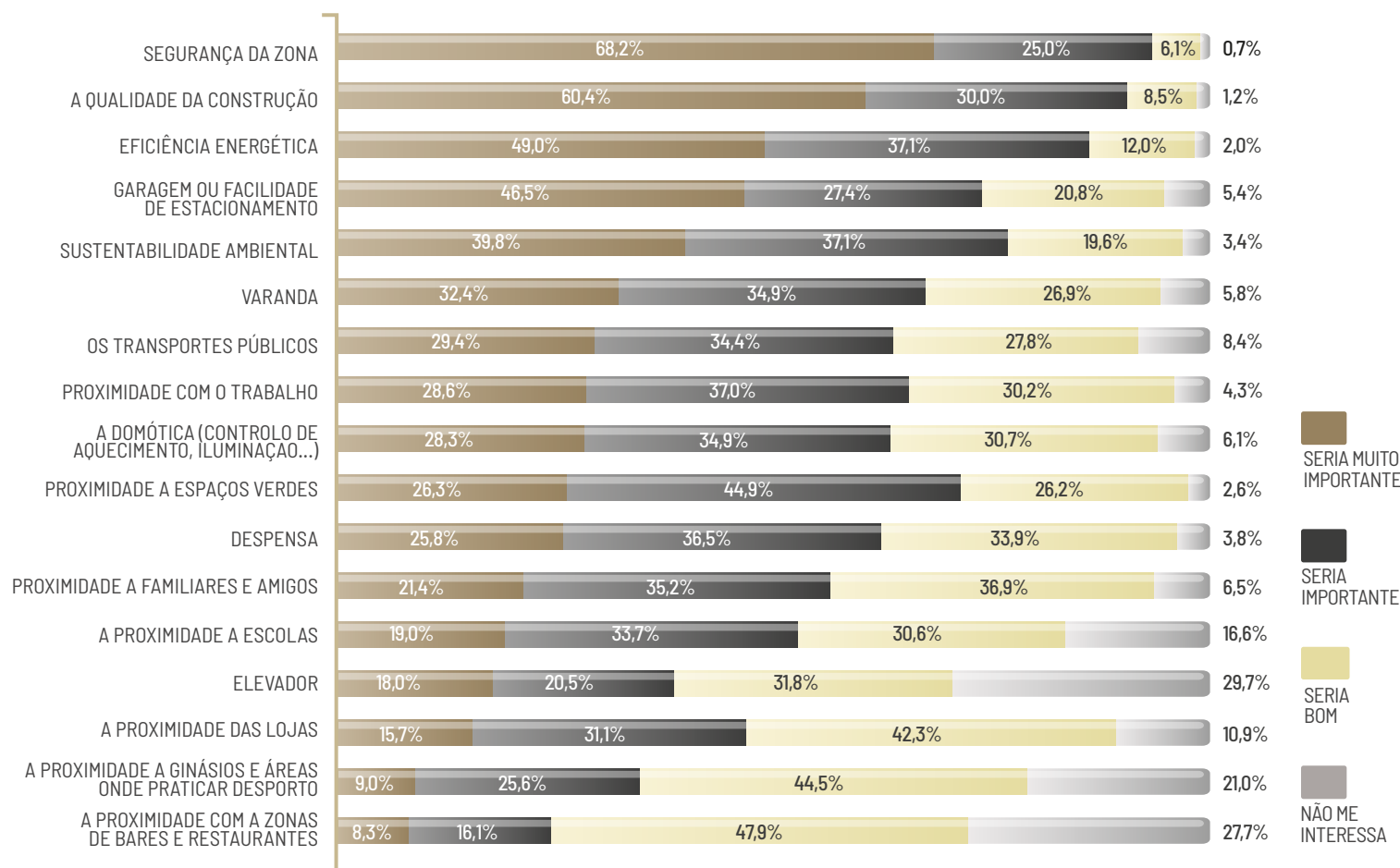
A casa do futuro deverá ter níveis superiores de qualidade e eficiência na construção

Sobre as características que mais valorizam na habitação, os jovens demonstram grande coerência entre o que pretendem no presente e o que ambicionam para o futuro.

A segurança da zona volta a ser o factor mais importante para 68,2% dos jovens e a qualidade de construção é o segundo aspecto mais relevante a superar agora 60%, quase oito pontos acima da valoração atribuída para a primeira casa. A eficiência energética volta a ocupar o terceiro lugar, também com mais seis pontos que na primeira casa, o que indicia que os jovens esperam que a futura casa tenha níveis mais elevados de qualidade e eficiência.

No futuro, sobe também na tabela a valorização de garagem ou facilidade de estacionamento, talvez a pensar no recurso a carro próprio para maior comodidade de deslocação da família. Sem surpresa, mantém-se no fundo das prioridades a proximidade a bares, restaurantes e ginásios.

Que outros aspetos da casa seriam importantes para si?



Base: Total

POUPAR, GASTAR OU INVESTIR?

Poupar para compra de habitação
é a prioridade dos jovens
entre os 25 e os 29 anos

Se o rendimento actual lhes permitisse boas poupanças mensais, 15,8% dos jovens reservaria esse dinheiro para viajar, principalmente os que têm entre 18 e 24 anos (23,3%), os algarvios (20,1%) e as mulheres (19,3%).

Em segundo lugar, os jovens preferiam guardar o dinheiro sem nenhum objectivo particular e, em terceiro lugar, as poupanças iriam para aquisição de uma casa para investimento, uma opção liderada por 19,6% dos jovens do Porto.

Contudo, o factor casa parece ser um objectivo bastante relevante para a juventude. Tendo em conta as diferentes respostas, 47,9% dos jovens dedicaria as suas economias à habitação:

- 13,8% iria comprar uma casa para deixar de viver em arrendamento,
- 13,2% iria comprar uma casa como forma de investimento,
- 11,3% iria comprar uma casa melhor,
- 5,8% iria dedicar as suas economias para melhorar a sua casa,
- 2,6% iria comprar uma segunda casa,
- 1,2% iria arrendar uma casa melhor do que a actual.

Se tivesse um nível de rendimento que lhe permitisse ter uma boa poupança mensal, em que investiria?

	Sexo			Idade			Zona			
	Total	Homem	Mulher	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Gastava em viagens	15,8%	12,4%	19,3%	23,3%	12,5%	10,8%	18,1%	14,3%	20,1%	14,8%
Guardava	14,2%	13,7%	14,6%	17,6%	10,9%	13,3%	12,9%	15,1%	10,2%	14,9%
Na compra de uma habitação se vivesse numa casa arrendada até essa altura	13,8%	11,9%	15,8%	12,0%	16,6%	13,5%	12,3%	13,2%	12,1%	14,8%
Compraria uma casa como investimento	13,2%	14,4%	12,1%	14,0%	12,4%	13,2%	13,3%	19,6%	12,9%	11,8%
Na compra de uma casa melhor	11,3%	12,6%	10,0%	6,1%	11,8%	16,4%	11,3%	13,1%	9,3%	11,1%
Investiria em algum negócio	9,4%	10,4%	8,5%	9,6%	11,2%	7,8%	9,9%	8,5%	12,1%	9,2%
Em obras de melhoramento na minha habitação própria	5,8%	5,5%	6,2%	3,0%	5,3%	9,3%	5,3%	3,0%	3,9%	6,9%
Investiria em formação	3,7%	4,8%	2,6%	3,8%	4,3%	3,2%	4,5%	3,9%	5,5%	3,1%
Gastava em lazer	3,1%	2,7%	3,6%	3,5%	3,9%	2,2%	4,0%	2,2%	1,3%	3,1%
Compra de uma segunda casa nas montanhas ou na praia	2,6%	3,6%	1,6%	1,5%	2,2%	4,2%	3,5%	1,6%	3,0%	2,4%
No arrendamento de uma casa melhor	1,2%	1,2%	1,3%	0,4%	3,0%	0,6%	1,0%	1,6%	3,3%	1,1%
Gastava em caprichos que me fossem ocorrendo	1,0%	1,5%	0,5%	1,6%	0,8%	0,5%	1,5%	0,7%	1,0%	0,8%
Gastava na compra de mais roupas e objetos de consumo	0,9%	1,2%	0,5%	0,7%	0,2%	1,7%	0,5%	0,4%	1,6%	1,1%
Não sei	3,7%	4,0%	3,5%	3,0%	5,1%	3,3%	2,0%	3,0%	3,5%	4,7%

Base: Total

ESTUDO NACIONAL

CAPÍTULO 4: FÓRMULAS ALTERNATIVAS, O COLIVING

O conceito de coliving define um estilo de vida em que jovens, com profissões correlacionadas, partilham uma casa para além de um local de trabalho, numa coabitação que pretende estimular um ambiente pessoal e profissional enriquecedor.

Este modo de vida, que começa a surgir um pouco por todo o mundo, está intrinsecamente ligado a uma jovem geração empresarial de empreendedores e membros de start ups.

Os colivers são geralmente jovens com um poder de compra superior à média, criativos, ambiciosos, especialistas em áreas digitais, que procuram não só partilhar uma casa, que se ajuste melhor aos seus orçamentos, mas também criar uma comunidade inspiradora e participativa.

Essa filosofia é o que diferencia o coliving de uma partilha tradicional de casa- que implica apenas a divisão de despesas- ou de morar numa residência estudantil, onde os jovens ainda não estão integrados no mundo do trabalho.

Questionámos os jovens portugueses sobre o que acham sobre o conceito de coliving. E as respostas foram surpreendentes.

COLIVING

O conceito só atrai 11% dos jovens inquiridos.

Quando questionados sobre a opção de coliving, os jovens portugueses não parecem estar muito motivados para este conceito de vida.

Um terço assume mesmo que não gosta da ideia de morar no mesmo espaço em que trabalha e os mais percentórios nesta questão são os jovens do Porto (38,7%)

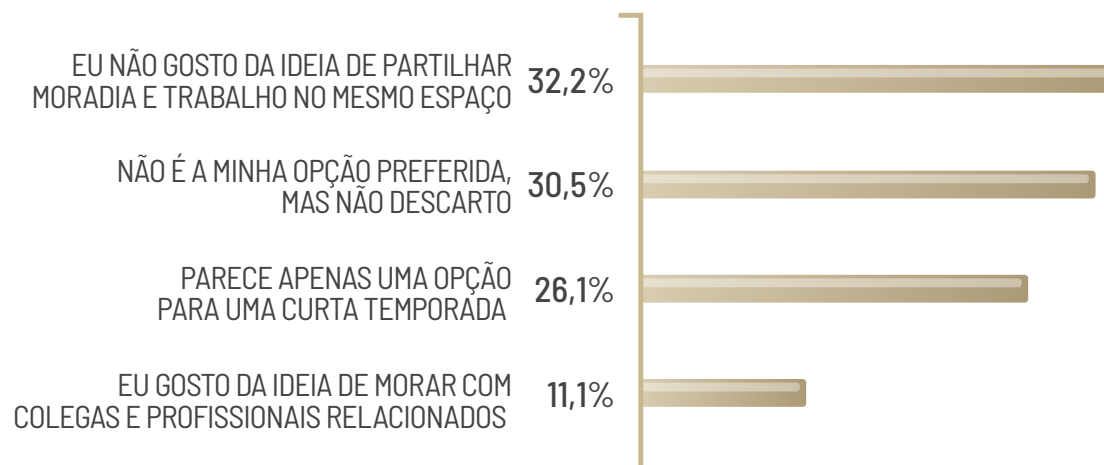
Três em cada 10 admitem que não é a sua opção, porém estariam dispostos a ponderá-la, e mais de um quarto dos jovens considera mesmo que este conceito seria opção para um curto período de tempo.

Apenas um em cada 10 jovens afirma gostar de morar com colegas de trabalho e outros profissionais. Este indicador é mais significativo nos homens (16%), para os que vivem no Algarve (14,1%) e nos jovens de 25 a 29 anos chega apenas aos 11,5%.

As respostas indicadas sugerem que esta opção de habitação não reúne atractividade significativa e é considerada pelos jovens portugueses uma solução de recurso temporária.

O coliving é um conceito de vida onde os profissionais, além de um local de trabalho, partilham uma casa num estilo de vida sustentável que lhes permite trocar experiências e utilizar espaços e recursos de forma eficiente.

O que acha da opção de coliving?



Base: Total

ESTUDO NACIONAL

CAPÍTULO 5: PROGRAMAS DE APOIO AOS JOVENS PARA O ACESSO À HABITAÇÃO

O desafio do acesso à primeira solução de habitação é muito significativo num contexto em que a entrada no mercado de trabalho é extremamente competitiva para os jovens, o valor médio dos salários praticados, de um modo geral, não permite autossuficiência económica e a precaridade laboral apresenta ainda níveis superiores aos desejados.

Porém, existem apoios e programas concebidos para ajudar os jovens a darem o primeiro passo na direção da sua primeira casa. Procurámos perceber o que sabem os jovens sobre estes incentivos de acesso à habitação.

PROGRAMAS DE APOIO À HABITAÇÃO

Mais de um terço dos jovens portugueses conhece um programa de apoio à habitação

Mais de 36% dos jovens portugueses afirma conhecer programas de apoio para acesso à habitação e este indicador sobe para os 48,8% nos que têm mais de 30 anos. Os mais informados sobre estes sistemas de incentivo são os jovens lisboetas (39,8%) e os portugueses (38,3%).

Porém, regista-se um desconhecimento deste tipo de programas superior a 60% na maioria dos segmentos da população jovem, sobretudo na faixa etária dos 18 aos 24 anos, onde este indicador dispara para os 75,7%.

Tem conhecimento de programas de apoio aos jovens para obtenção de habitação arrendada ou própria?

	Total	Sexo		Idade		
		Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos
Sim	36,8%	36,7%	37,0%	24,3%	38,3%	48,8%
Não	63,2%	63,3%	63,0%	75,7%	61,7%	51,2%

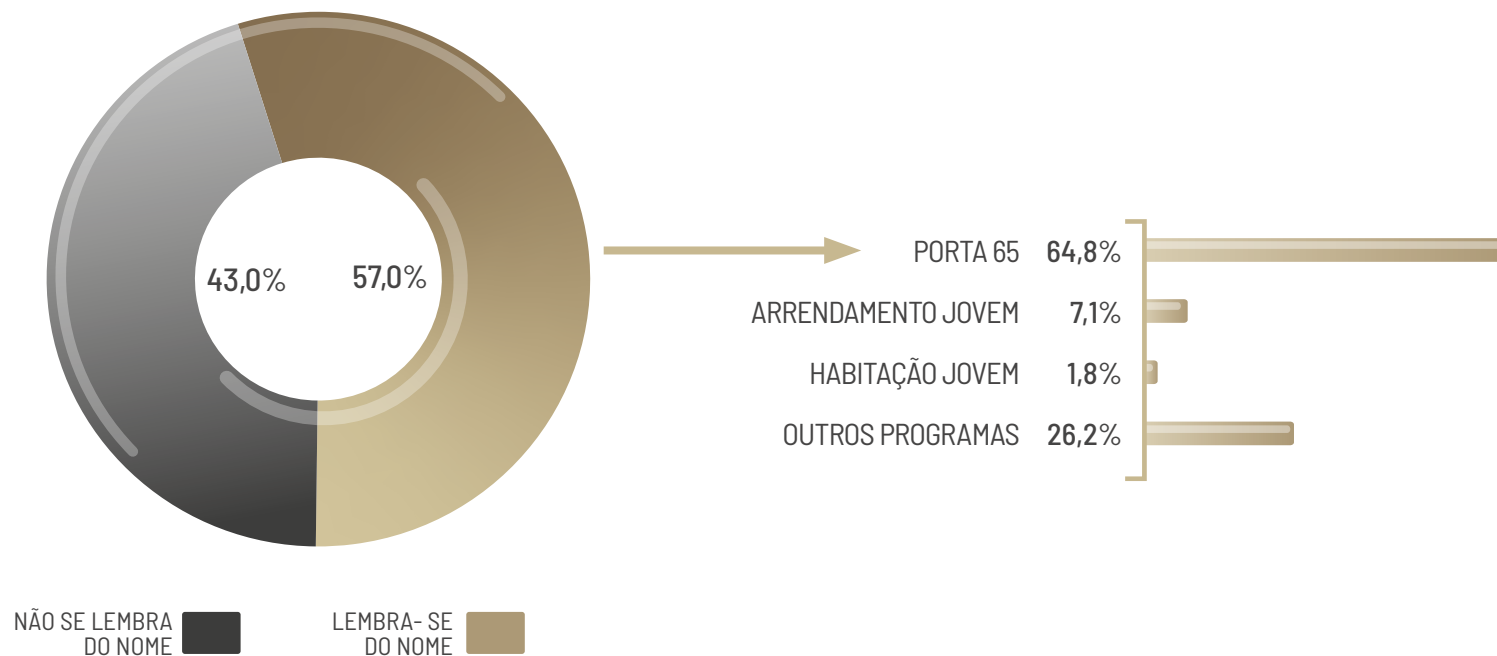
	Total	Zona			
		Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Sim	36,8%	39,8%	38,3%	36,9%	35,1%
Não	63,2%	60,2%	61,7%	63,1%	64,9%

Base: Total

Entre os jovens que conseguem identificar nomes de programas de apoio à habitação, o Porta 65 é claramente o mais lembrado (64,8%), enquanto 7,1% evoca o nome do Arrendamento Jovem e 1,8% menciona Habitação Jovem.

Já 26,2% dos inquiridos menciona uma grande variedade de nomes, contudo sem conseguir explicar exactamente a designação, em concreto.

Quais os programas que conhece



Base: Estão familiarizados com os programas de apoio

Base: Jovens que conhecem os programas e se lembram do seu nome.

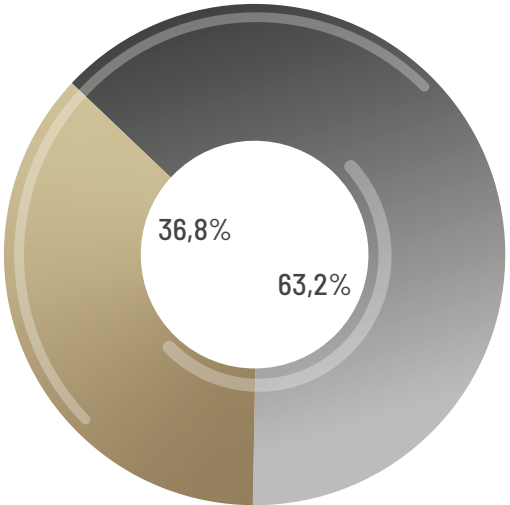
57% dos jovens que conhecem programas de apoio à habitação confirmam que "Porta 65" é o mais lembrado.

O interesse em apresentar candidatura a programas de acesso à habitação supera os 82,5% em todos os segmentos etários, excepto no dos jovens com mais de 30 anos.

Os jovens entre os 25 e 29 anos são os mais interessados com 87,6% a afirmar que gostaria de se candidatar a estes programas.

A atractividade destes incentivos à habitação é superior em Lisboa (87,6%) seguida de perto pelo Porto com 84,8% dos jovens a confirmarem o seu interesse em se candidatarem.

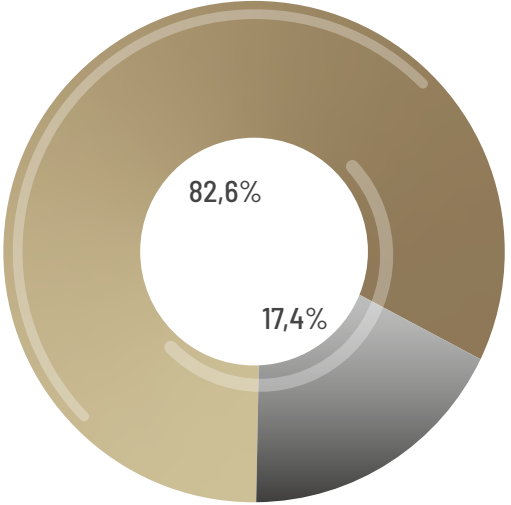
Tem conhecimento de programas de apoio aos jovens para obtenção de habitação arrendada ou própria?



SIM NÃO

Base: Total

Se tivesse conhecimento deste tipo de programas consideraria candidatar-se?



SIM NÃO

Base: Não tem conhecimento de programas de apoio à habitação

	Sexo			Idade			Zona			
	Total	Homem	Mulher	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 34 anos	Lisboa	Porto	Algarve	Resto de Portugal
Sim	82,6%	82,5%	82,6%	83,0%	87,6%	76,7%	87,6%	84,8%	82,9%	79,8%
Não	17,4%	17,5%	17,4%	17,0%	12,4%	23,3%	12,4%	15,2%	17,1%	20,2%

JOVENS E HABITAÇÃO: CONCLUSÕES



JOVENS E HABITAÇÃO: CONCLUSÕES

- 40,7% dos jovens entre os 18 e 34 anos vivem em casa dos seus pais
- 68,6% dos jovens que têm entre 18 e 24 anos ainda vivem na casa da família, bem como 32,1% dos que têm entre 24 e 29 anos e 18,8% dos que têm mais de 30 anos
- As principais razões para a emancipação dos jovens são viver em casal, adquirir responsabilidades e crescer como pessoa, ter um projeto de vida próprio e ter mais liberdade
- 52,7% dos jovens entre os 18 e os 34 anos não são economicamente independentes
- 37,2% dos jovens que já vivem fora da casa dos pais ainda continuam a depender financeiramente das suas famílias
- 36,3% dos jovens vivem em casal, 33,5 % vivem com os pais e 13,2% partilham uma casa com amigos ou colegas
- Independentemente da sua situação, o nível de satisfação dos jovens face à sua habitação actual é de 7,06 pontos numa escala de 1 a 10.
- 78% dos jovens não vive onde gostaria, principalmente por falta de recursos económicos.
- 51,3% dos jovens emancipados vivem em casa arrendada.
- Oito em cada 10 jovens suportam algum tipo de despesa mensal com a habitação, sendo que o custo médio nacional suportado se fixa nos 348 euros. O valor médio mais elevado chega aos 379 euros para os que vivem em casa arrendada, que pagam mais 33 euros mensais do que os que vivem em casa própria.
- Só cerca de um terço dos jovens assume a totalidade dos custos da casa que habita. Já quatro em cada dez jovens partilha essas despesas com o seu parceiro, amigos ou recebe ajuda da família.
- A primeira casa que os jovens pretendem para se emanciparem é um apartamento. Contudo, as expectativas para o futuro passam por viver numa moradia.

- Nos planos para os próximos anos, os jovens portugueses consolidam a cultura de proprietário, com 87,9% a preferir casa própria, comparativamente com os 12,1% que pretendem uma habitação arrendada
- Os mais jovens, entre os 18 e os 24 anos, demonstram uma preferência de 48,1% pelo arrendamento
- A primeira casa que os jovens pretendem para se poderem emancipar deverá estar bem localizada, perto do centro da cidade ou mesmo central, com uma área de cerca de 83 m², dois quartos e duas casas de banho, seja para viver em casal, ou sozinho. Contudo, no futuro, ambicionam que a área da casa aumente para os 110 m² e pretendem mais um quarto.
- Sete em cada dez jovens querem continuar a viver na sua cidade
- Extras como garagem e terraço, seguidos da localização são os factores que estão mais dispostos a abdicar se encontrarem uma habitação compatível com o seu orçamento.
- Os jovens mantêm a preferência por uma casa com cozinha e sala de estar em separado
- Dão maior importância ao tamanho da sala do que dos quartos
- A segurança da zona da habitação é o que mais privilegiam, seguida pela qualidade de construção e a eficiência energética da casa. Para o futuro valorizam também a facilidade de estacionamento e garagem.
- A maioria não se importa se a casa é nova ou usada, desde que esteja em boas condições.
- Se conseguissem poupar, os jovens entre os 25 e 34 destinariam as suas poupanças à habitação, seja para passar de uma situação de arrendamento para aquisição de casa, seja para investimento ou para comprar uma casa melhor. Os mais novos, entre os 18 e os 24 anos, preferem alocar as suas poupanças em viagens, antes da compra de casa.
- O conceito de coliving é uma opção de habitação que agrada apenas a 11% dos jovens. Contudo, cerca de 67% dos jovens pondera considerar esta solução, mas mais de um quarto afirma que seria apenas uma alternativa para um curto período de tempo.
- Mais de um terço dos jovens afirma conhecer programas de apoio à habitação jovem e os mais informados são os que têm mais de 30 anos. O projecto mais referido é o "Porta 65".
- O interesse de se candidatar a programas de apoio à habitação supera os 80% em todos os segmentos da população jovem, e esta intenção atinge os 87,6% nos que têm entre 25 e 29 anos.

FICHA TÉCNICA

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

RADIOGRAFIA

ESTUDO
QUANTITATIVO

SITUAÇÃO
ACTUAL

A PRIMEIRA
CASA

A CASA PARA
O FUTURO

ALTERNATIVAS

PROGRAMAS
DE APOIO

CONCLUSÕES

FICHA
TÉCNICA

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO:
CENTURY 21 Portugal

**COORDENAÇÃO,
ANÁLISE E REDAÇÃO:**
LCO

**INVESTIGAÇÃO, ANÁLISE
DE RESULTADOS E
TRABALHO DE CAMPO:**
Sigma Dos

ESTUDO QUANTITATIVO

UNIVERSO:
Conjunto de população residente dos 18 aos 34 anos.

ÂMBITO:
Portugal

INQUÉRITO:
On-line (CAWI)

QUESTIONÁRIO:
Estruturado e composto por blocos diferenciados de 22 perguntas, mais as questões de caracterização sociodemográfica.

DATAS DO TRABALHO DE CAMPO:
De 18 a 25 de junho de 2019

AMOSTRA:
Total de 800 inquéritos. A distribuição da amostra foi estratificada em 4 zonas geográficas: Lisboa, Porto, Algarve e no resto de Portugal.

A distribuição da amostra por sexo e idade foi a seguinte:

SEXO	HOMEM	49,7%
	MULHER	50,3%
IDADE	De 18 a 24 anos	36,2%
	De 25 a 29 anos	29,3%
	De 30 a 34 anos	34,5%



CENTURY 21[®]

Portugal

century21.pt